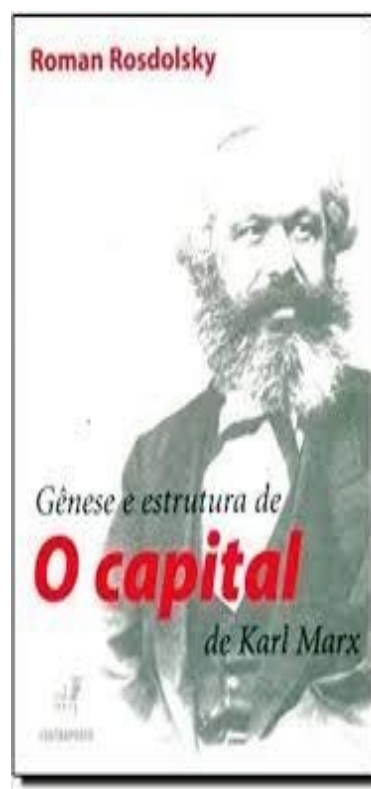


SEÇÃO PRINCIPAL

ARTIGOS EXPOSITIVOS DA BIBLIOGRAFIA ECONÔMICA
DE KARL MARX

ARTIGO I
**GÊNESE E ESTRUTURA
DE *O CAPITAL***



FOLHETO Nº 12 – 01.09.2023

PARTE V – O CAPITAL PRODUTIVO. LUCRO E JUROS

**Capítulo 25 – A transformação da mais-valia em lucro.
A taxa geral de lucro**

**Capítulo 26 – A lei da queda da taxa de lucro e a
tendência à derrocada do capitalismo**

Capítulo 27 – Fragmentos sobre o juro e o crédito

SUMÁRIO

FOLHETO Nº 12 (publicado em 01.09.2023)

PARTE V – O CAPITAL PRODUTIVO. LUCRO E JUROS

NOTA DO ARTICULISTA [3](#)

Capítulo 25 – A transformação da mais-valia em lucro. A taxa geral de lucro [5](#)

Capítulo 26 – A lei da queda da taxa de lucro e a tendência à derrocada do capitalismo [16](#)

Capítulo 27 – Fragmentos sobre o juro e o crédito [24](#)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS [35](#)

FOLHETO Nº 12¹

PARTE V – O CAPITAL PRODUTIVO. LUCRO E JUROS

NOTA DO ARTICULISTA

A *Expedição Karl Marx: Para ler O capital*, cujo objeto de conhecimento se restringe à **teoria crítica da economia política capitalista** edificada pelo filósofo alemão **Karl Heinrich Marx**², tem como destino final o estudo da sua obra magna **O capital: Crítica da economia política**, ou, simplesmente, **O capital**³.

Para efeito do itinerário desta “expedição literária”, com base no que apuramos em pesquisa realizada junto a estudiosos do tema, optamos por acessar primeiramente os escritos antecedentes que serviram de base para a elaboração da obra maior marxiana, conforme descrito na página Roteiro da Expedição deste Blog⁴. Agindo assim, aspiramos construir uma base de conhecimento tal que nos permita captar da forma mais consistente possível o que o teórico alemão-prussiano tem a dizer nos quatro livros d’*O capital*.

Nessa direção, iniciamos o primeiro trecho da nossa “caravana” com o Artigo Expositivo I que trata, excepcionalmente, da única obra não autoral de Marx contemplada neste projeto: o livro do pensador marxista ucraniano Roman Rosdolsky, *Gênese e estrutura de “O capital” de Karl Marx*.⁵

Gênese é avaliada como um guia de acesso ao universo teórico e metodológico da crítica de Marx à economia política capitalista, visto se tratar de um comentário robusto e esclarecedor dos primeiros manuscritos propriamente econômicos redigidos e organizados pelo nosso teórico alemão em 1857/1858, mas não publicados

1 Articulista: Rui Eduardo Silva de Oliveira Pamplona, bacharel em Ciências Econômicas e Direito; pós-graduado em MBA Agronegócio, MBA Executivo em Gestão Financeira e Especialização em Direito.

2 Na *Seção Preliminar - Conhecendo Karl Marx: uma introdução*, deste [Blog](#), apresentamos um panorama sobre a vida e obra do filósofo alemão, bem assim sobre os principais aspectos e conceitos que norteiam seu pensamento.

3 *O capital*, subtítulo *Crítica da economia política* (em alemão: *Das Kapital: Kritik der politischen Ökonomie*), traz em suas páginas o resultado de um minucioso exercício investigativo acerca do funcionamento das relações socioeconômicas no âmbito do modo de produção capitalista, desde suas origens. Uma exposição da mais profunda investigação crítica do capitalismo que se tem conhecimento.

Também na *Seção Preliminar - Conhecendo Karl Marx: uma introdução*, subseção “[Pensamento econômico](#)”, apresentamos, preliminarmente, um arrazoado da obra fundamental do filósofo alemão, incluindo a conceituação de capitalismo, a definição de economia política, modo de produção, capital e de outras categorias econômicas ali presentes, além das sinopses dos quatro livros da obra: Livro I - *O processo de produção do capital* (1867); Livro II - *O processo de circulação do capital* (1885); Livro III - *O processo global da produção capitalista* (1894) e o Livro IV - *Teorias da mais-valia: História crítica do pensamento econômico* (1905).

4 Confira em <https://expedicaokarlmarx.com.br/roteiro-de-leitura-2-2/>.

5 ROSDOLSKY, Roman. *Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx*. Rio de Janeiro-RJ: Contraponto Editora, 2001. De Roman Rosdolsky e da apresentação da sua obra tratamos no [Folheto nº 01](#).

por ele, vindo a público somente em 1939, na cidade de Moscou, sob o nome **Grundrisse (Elementos (Esboços) fundamentais para a crítica da economia política)**⁶. Este conjunto de manuscritos são distinguidos como o marco inaugural da investigação crítico-científica marxiana do modo de produção capitalista, bem assim como a base teórica e metodológica do que viria a ser *O capital*.

Seguindo mais uma vez a recomendação de vários autores, exatamente por possuir tal escopo, optamos por adotar o livro de Rosdolsky como ponto de partida desta empreitada, dado o alto grau de complexidade do conteúdo, método e escrita dos *Grundrisse*, o que faz do estudo de *Gênese* uma tarefa preparatória para debruçarmos sobre os próprios primeiros manuscritos econômicos de Marx em um terceiro momento da **Expedição**.

Até aqui visitamos e conhecemos os seguintes temas postos em *Gênese e estrutura de "O capital"*: como nasceram os *Grundrisse* – uma descrição da trajetória intelectual de Karl Marx, de 1842/1843 à publicação d'*O capital* (Folheto nº 01); os dois planos estruturais da obra definitiva de Marx – uma análise preliminar da metodologia utilizada em seu trabalho investigativo da crítica da economia capitalista –, além da digressão de R. Rosdolsky sobre a categoria do valor de uso (utilidade) das mercadorias sob a ótica da economia política em cotejo com o tratamento dispensado pelo filósofo alemão (Folheto nº 02); a primeira formulação da teoria de Marx sobre o dinheiro (Folhetos nº 03 a 05); o processo de produção do capital (Folhetos nº 06 a 09); e, por fim, o estudo do processo de circulação do capital (Folheto nº 10/Apêndice e Folheto nº 11).⁷

Avancemos, agora, para mais um novo trecho do Artigo Expositivo I: *Parte V – O capital produtivo. Lucro e juros!!!*⁸

6 Sobre as linhas gerais dos *Grundrisse*, seu nascimento, descoberta e publicação, reveja também o [Folheto nº 01](#).

7 Confira os folhetos já publicados em <https://expedicaokarlmarx.com.br/artigo-expositivo-de-genese-e-estrutura-de-o-capital-2-2-2-2-2-3/>.

8 Em conformidade com o Sumário da edição dos manuscritos *Grundrisse* publicada em 2011 pela Boitempo Editorial, a Parte V da obra de Roman Rosdolsky, *Gênese e estrutura de "O capital" de Karl Marx*, ora em comento, corresponde à Terceira Seção. *O capital que gera frutos. Juro. Lucro. (Custos de Produção etc.)* daqueles manuscritos (in MARX, Karl Heinrich. **Grundrisse**. Rio de Janeiro-RJ: Boitempo Editorial, 2011, Sumário).

Por sua vez, de acordo com o autor de *Gênese*, a terceira seção dos *Grundrisse*, “em certo sentido”, guarda relação com o Livro III - *O processo global da produção capitalista* da obra posterior e definitiva de Marx, *O capital*. Rosdolsky relativiza essa correspondência em vista de que, “além de ser apenas um esboço” – tal qual os *Grundrisse* como um todo –, a referida seção “só enfoca as categorias de lucro e de juro como um desdobramento da análise do ‘capital em geral’”, não contemplando o capital real ou o capital acabado (a concorrência de capitais ou a pluralidade de capitais), alvo do Livro III (in ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 309 c/c p. 29 e 30).

Como sabemos, nos *Grundrisse*, por uma opção metodológica, o nosso filósofo alemão quis investigar inicialmente o que todas as diferentes formas de capital têm em comum, que é *ser capital*. Quando Marx se dedica primeiramente ao “capital em geral”, conforme vimos no [Folheto nº 02](#) deste artigo expositivo, ele quer examinar “o processo de sua formação”, a “história geral do nascimento do capital”, sua “autodeterminação”, ou sua “autoformação” – o capital não acabado. Este processo, que Rosdolsky classifica como dialético, “é apenas a expressão ideal do movimento real [a concorrência de capitais ou pluralidade de capitais] de vir [vir a ser] do capital”.

Capítulo 25: A transformação da mais-valia em lucro. A taxa geral de lucro

A rigor, como o próprio título do capítulo indica, mais-valia (ou mais-valor) não é a mesma coisa de lucro, embora (e por isso) se transforme em lucro.

Depois da descrição isolada do ciclo completo do capital (o processo de produção e o processo de circulação) nas seções anteriores dos manuscritos *Grundrisse*,⁹ Karl Marx expõe na terceira seção dos referidos manuscritos dedicada ao lucro e ao juro que “O capital aparece agora [...] como **unidade** da **produção** e da **circulação**, [...]” (grifo nosso). Agora, sob tal configuração, este capital não só se realiza “como valor que reproduz a si mesmo e portanto se perpetua”, mas também se realiza “como valor que gera valor”. Agora ele é D_2 ou D' ¹⁰. Numa análise abstrata, quando o capital sai do processo de produção, tendo absorvido tempo de trabalho vivo, e ingressa no movimento de circulação, “ele se considera como criador de novo valor, como produtor de valor. Comporta-se como se fosse o fundamento da mais-valia [ou mais-valor, digo eu], como se a houvesse criado [...]”.¹¹

Nesta altura do Artigo Expositivo I já sabemos que a mais-valia é criada no processo de produção (na relação entre capital e trabalho vivo). Entretanto, vimos no Folheto nº 11, que em dado período, o capital, diz Marx, “produz uma mais valia que não está determinada apenas pela mais-valia que se cria no processo de produção, mas sim pelo número de repetições do processo de produção, ou de sua reprodução no período”. Ou seja, a mais-valia é também determinada pelo processo de rotação do capital.¹²

Karl Marx explica. Sendo, o capital, uma unidade do processo de produção com o de circulação, “[...] Como a circulação é parte do processo de reprodução do capital – [é parte, digo eu] do movimento efetuado pelo capital fora do processo imediato da produção –, a mais-valia já não aparece como tendo sido criada pela relação simples e imediata do capital com o trabalho vivo”¹³. Isoladamente, isso ocorreu no processo de produção. Porém, no âmbito da configuração própria e típica do capital, como unidade, “esta relação”, a relação entre capital e trabalho vivo, “se apresenta, antes, como um elemento de seu movimento total”. Sob sua configuração própria, “o capital já não mede

9 Conforme apresentamos nos folhetos de número seis a onze do presente [Artigo Expositivo I](#).

10 De acordo com o que estudamos nos folhetos anteriores, o dito no parágrafo em Nota é representado pelo ciclo definido pela sequência D_1-M-D_2 , que representa o processo de circulação mercantil capitalista – processo comprar para vender: o detentor dos meios de produção, **detentor de capital**, ao adquirir, com o dinheiro que possui (D_1), a **capacidade viva de trabalho** (M) – a mercadoria força de trabalho –, apropria-se e utiliza-se dela para com a venda do produto desse trabalho (na forma de trabalho objetivado em M) auferir valor a mais (D_2).

11 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 309 (Idem em relação à redação dos três parágrafos seguintes).

12 Sobre o *processo de rotação do capital*, o processo de repetição do ciclo de produção ou de valorização do capital, reveja as páginas do [Folheto nº 11](#) que trata do tema.

13 A mais-valia já não aparece mais em sua forma *essencial* (como resultado da proporção entre trabalho necessário e mais-trabalho). Agora ela se manifesta sob a forma *fenomenica*. Nessa passagem do parágrafo em Nota e em outra, anterior, quando Marx trata o capital como “*unidade*”, Rosdolsky identifica mais uma vez a influência hegeliana sobre o autor dos *Grundrisse* (in ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 309 e 569 Nota 4).

o valor recém-produzido” com base “na proporção entre mais-trabalho e trabalho necessário” – a “medida real” do valor –, “passando a medi-lo a partir de si mesmo, como se ele fosse a base do valor”.

Marx continua: “[...] Medida assim pelo valor do capital presumido [como queriam os economistas burgueses, digo eu] – e sendo o capital considerado como valor que valoriza a si próprio – a mais-valia é o lucro [...], e a taxa de lucro é fixada pela proporção entre seu valor [o valor da mais-valia, digo eu] e o valor do capital [original ou adiantado no processo de produção, digo eu novamente]”.

Entretanto, nos *Grundrisse*, “pela primeira vez”¹⁴, conforme Roman Rosdolsky, Karl Marx expunha o fundamento da sua teoria do lucro, opondo-se frontalmente aos economistas clássicos: **“a categoria do lucro não deve ser confundida com a de mais-valia [...]”**. Em Marx, de acordo com Roman, “O lucro dever ser concebido como uma ‘forma alterada, derivada e secundária da mais-valia [...] [“forma”, intervém o nosso autor ucraniano] mais desenvolvida – no sentido do capital – [...]””. A forma burguesa de entender o lucro, diz Marx, apagava “os vestígios de sua gênese””. Isto é, confundir lucro com mais-valia é o mesmo que negar que a mais-valia é medida pela proporção entre o trabalho necessário e o mais-trabalho. É o que veremos com mais detalhes a seguir.¹⁵

Sobre a transformação da mais-valia em lucro, que, como dissemos, afasta a ideia de que a mais-valia é igual a lucro, sendo ela apenas uma aparência, Rosdolsky reproduz uma passagem do Livro III d’*O capital* relativa ao processo de produção que vale replicar: “Vimos ali como todas as forças produtivas subjetivas do trabalho se apresentavam como forças produtivas do capital. De um lado, o valor, o trabalho pretérito, que domina o trabalho vivo, se personifica no capitalista; de outro lado, e inversamente, o trabalhador aparece como uma força de trabalho meramente objetiva, [aparece, digo eu] como uma mercadoria”. Ou seja: de um lado, o valor, o trabalho objetivado nos meios de produção que domina o trabalho atual, que, por sua vez, transforma os meios de produção no produto final, se personifica no capitalista, pois este é o proprietário dos meios de produção; de outro lado, e inversamente, o trabalhador aparece como uma força produtiva não subjetiva, aparece agora como uma mercadoria, como força produtiva meramente objetiva.¹⁶

Roman prossegue, ainda no Livro III: “Em um polo aparece o preço da força de trabalho na forma transformada do salário [que é o equivalente do trabalho necessário, do trabalho pago, digo eu], enquanto no polo oposto aparece a mais-valia na forma transformada do lucro [que corresponde ao mais-trabalho, ao trabalho não pago, digo eu mais uma vez]”.

14 Cujas ideias voltarão a ser apresentadas posteriormente, em *O capital*, sob uma forma bem mais desenvolvida.

15 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 310.

16 Idem, p. 569 Nota 7 (Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

Numa carta de 30 de abril de 1868 endereçada a seu grande amigo e parceiro Friedrich Engels, também replicada pelo nosso pensador ucraniano em *Gênese*, Karl Marx escreve: “Posto que, em virtude da forma do salário, todo o trabalho aparece como se tivesse sido pago, a parte não paga [a parte correspondente ao mais-trabalho, frisamos] parece surgir não do trabalho, mas sim do capital, e não da parte variável dele, mas sim do capital total [em seu movimento, digo eu]. Assim, a mais-valia assume a forma de lucro”.

Isso é tudo que encontramos na obra de Rosdolsky sobre a transformação da mais-valia em lucro. Adiante, ingressamos na segunda parte do título do capítulo em comento: a questão da taxa geral de lucro.

De forma simplificada, a **taxa geral de lucro** é definida como sendo aquela que é determinada pela **relação entre a mais-valia total e o capital total da sociedade**. A mais-valia total é a soma de toda a mais-valia produzida pelos trabalhadores na sociedade (isto é, o somatório da mais-valia que é produzida pelo trabalho não pago (mais-trabalho) extraído do trabalho vivo total). O capital total da sociedade, por sua vez, é a soma de todo o capital investido na produção de mercadorias, sendo este capital composto por duas partes: a) o **capital constante total**, que é o somatório do valor dos meios de produção (máquinas, matérias-primas, instalações etc.) de dada economia e b) o **capital variável**, que é o valor total da força de trabalho empregada (trabalho pago na forma de salários (trabalho necessário) – massa salarial –, extraído do trabalho vivo total). O capital total, portanto, é um determinante importante da taxa geral de lucro.¹⁷

Karl Marx ensina que “em sua forma imediata, o lucro é tão somente a mais-valia total, expressa como proporção do valor total do capital”. Assim, assinala Rosdolsky, “**o lucro total (da classe capitalista¹⁸) nunca pode ser maior que a massa total de mais-valia**” (grifo nosso). Ademais, considerado como expressão da relação entre a mais-valia total e o capital total, “**o lucro deve, ‘em todas circunstâncias, [...] representar, em relação ao ganho, uma proporção inferior à produção real da mais-valia**” (grifo nosso).¹⁹

Visto que se mede o lucro a partir do capital total, “que é maior do que o [capital, digo eu] aplicado em salários [capital variável, digo eu novamente] e trocado por trabalho vivo”, “[...] **a taxa de lucro nunca expressa a verdadeira taxa de exploração**

17 Deduzindo o exposto em uma fórmula, temos: taxa geral de lucro (*tgl*) = massa de mais-valia total (*mt*) (= produção total – capital total) ÷ capital total (*ct*) (= capital constante total + capital variável total). Consideremos hipoteticamente o conjunto de capitalistas de uma dada economia, cuja produção total anual, tudo mais permanecendo constante, perfaz R\$ 660 milhões. Desse montante, R\$ 200,4 milhões correspondem ao capital total (R\$ 0,4 milhões/ano de capital variável + R\$ 200 milhões/ano de capital constante), e R\$ 399,6 milhões correspondem à massa de mais-valia extraída do conjunto dos trabalhadores (R\$ 660 milhões – R\$ 200,4 milhões). Em sendo assim, a taxa geral de lucro será igual a 1,99, ou de 199% (R\$ 399,6 ÷ R\$ 200,4), o que significa dizer que, tendo investido R\$ 200,4 milhões/ano, os capitalistas auferiram um lucro anual de R\$ 399,6 milhões, ou seja, para cada real investido os capitalistas lucraram R\$ 1,99.

18 Na análise do lucro presente nos *Grundrisse*, Marx ainda considera o *lucro do capital* e não o lucro do capitalista à custa do outro (a concorrência de capitais), pois, como sabido, nos manuscritos de 57/58 o seu autor examina o “capital em geral” e não a pluralidade de capitais (in ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 310 c/c p. 370 Nota 10).

19 Idem, p. 310 (Ibidem em relação à redação dos três parágrafos seguintes).

do trabalho pelo capital [isto é, a taxa de mais-valia, digo eu], **mas sim uma proporção sempre menor [...]**” (grifo nosso).

Como a taxa de lucro, segundo Rosdolsky com base em Marx, se diferencia da **taxa de mais-valia** – taxa que mede o **grau de exploração do trabalho pelo capital** e que é **calculada pela razão entre a massa de mais-valia e o capital variável**²⁰ –, “as leis de seu movimento não coincidem com as leis da taxa de mais-valia de forma ‘tão simples e direta’ como poderia parecer à primeira vista”²¹. Assim se lê nos *Grudrisse: a taxa geral de lucro* “**só poderia expressar a taxa real de mais-valia se todo o capital fosse aplicado em salários, [...]** ou seja, **se a matéria-prima e os meios** [sic] [instrumentos, digo eu] **de produção fossem iguais a zero**”²². Mas isso “não pode ocorrer no modo de produção correspondente ao capital”.

A depender da composição orgânica do capital²³, ou seja, do grau de participação do capital constante e do capital variável no capital total, diz Marx, “A taxa de lucro pode diminuir enquanto a mais-valia real aumenta [...], e vice-versa. Pois, frisa Rosdolsky, “a taxa de lucro é calculada a partir do valor total do capital”. Assim, como realça o filósofo alemão, a taxa geral de lucro “está determinada” tanto “pela magnitude da própria mais-valia” como “pela relação entre trabalho vivo [força de trabalho atual, que corresponde ao capital variável, digo eu] e acumulado [força de trabalho objetivado nos meios de produção, que corresponde ao capital constante, digo eu novamente]”. Em suma, **a taxa geral de lucro está determinada pela composição orgânica do capital e também pela magnitude da massa de mais-valia** (a par disso, Roman Rosdolsky alerta que não podemos esquecer, em relação à massa de mais-valia, que também “as diferenças do **tempo de rotação** influem na magnitude da mais-valia produzida, e portanto na taxa de lucro” (grifo nosso)²⁴, mas não, necessariamente, na taxa de mais-valia,

20 Deduzindo, mais uma vez, o exposto em uma fórmula, temos: taxa de mais-valia (tm) = massa de mais-valia total (mt) (= produção total – (capital constante total + capital variável total) ÷ capital variável total (v)). Continuando com o exemplo da Nota 1101, ilustramos da seguinte forma a definição de taxa de mais-valia: levando-se em conta que a massa de mais-valia anual totaliza R\$ 399,6 milhões, e que o capital variável total (a massa salarial anual) perfaz R\$ 0,4 milhões, a taxa de mais-valia anual seria igual a 9,99 ou, em termos percentuais, a 999% (taxa de mais-valia = R\$ 399,6 milhões ÷ R\$ 0,4 milhões).

21 Enquanto a taxa geral de lucro do nosso exemplo é igual a 199%, a taxa de mais-valia alcançou 999%.

22 Como $tgl = mt$ (= produção total (pt) – (capital constante total (c) + capital variável total (v)) ÷ Ct (= capital constante total (c) + capital variável total (v)) e $tm = mt$ (= produção total (pt) – (capital constante total (c) + capital variável total (v)) ÷ v), uma vez que o capital constante seria igual a zero ambas as taxas se equivaleriam.

23 A categoria *composição orgânica do capital* é a relação entre o capital constante e o capital variável ($Coc=c ÷ v$). “Quanto mais baixa for a composição orgânica do capital, isto é, quanto maior for o peso específico do capital variável em relação ao constante, tanto maior, com uma mesma taxa de mais-valia, será a taxa de lucro. E, inversamente, quanto mais elevada a composição orgânica do capital [quanto menor for o peso do capital variável em relação ao constante, digo eu], com uma taxa igual de mais-valia, tanto menor será a taxa de lucro. Um dos fatores que elevam a taxa de lucro é a economia na aplicação do capital constante” (in INSTITUTO DE ECONOMIA – ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA URSS. *Manual de Economia Política*. Rio de Janeiro-RJ: Editorial Vitória Ltda, 1961. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/ostrovitianov/1959/manual/09.htm#i1c9>. Consultado em 11.08.2023).

24 “Quanto mais rápida for a rotação do capital, tanto mais alta será a *taxa anual de lucro*, que representa a relação entre a mais-valia produzida durante um ano e todo o capital adiantado. E, inversamente, a lentidão na rotação do capital acarreta a redução da taxa anual de lucro” (Idem. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/ostrovitianov/1959/manual/09.htm#i1c9>. Consultado em 11.08.2023).

que, inclusive, pode continuar a mesma).

Roman resume: “Resulta daí que uma mesma taxa de lucro pode basear-se [ou expressar-se, digo eu] em diferentes taxas de mais-valia”, e vice-versa. Muito embora o grau de exploração do trabalho possa ser igual em vários setores produtivos, por conta da variação da composição orgânica do capital entre os setores, estes “produzirão diferentes massas de mais-valia, que se expressarão em diferentes taxas de lucro”, conclui o nosso pensador ucraniano.²⁵

Para finalizar a distinção entre lucro e mais-valia, ancorando-nos na obra Manual de Economia Política, produzida pelo Instituto de Economia da Academia de Ciências da URSS²⁶, dois aspectos importantes devemos recordar aqui:

- 1) que o **valor da mercadoria** do modo de produção capitalista se divide em **valor do capital constante** (*c*) (valor gasto pelo capitalista para a aquisição de máquinas, instalações, valor das matérias-primas, combustíveis, etc. (meios de produção), em **valor do capital variável** (*v*) (massa salarial paga pelo capitalista aos trabalhadores) e em **mais-valia** (*m*) (diferença entre o valor, ou custo efetivo de produção (composto por $c + v + m$), e o custo capitalista de produção (constituído por $c + v$).
- 2) que “a **grandeza do valor da mercadoria** é determinada pela **quantidade de trabalho socialmente necessário** que se exige na sua produção. Entretanto, o capitalista não gasta o seu próprio trabalho na produção da mercadoria, mas desembolsa, para isso, seu próprio capital” (grifo nosso).

Observando a utilização do capital no processo produtivo, Karl Marx identificou os dois custos mencionados no item 1 supra, o **custo efetivo de produção da mercadoria (valor da mercadoria)** e o **custo capitalista de produção**. De acordo com o disposto na obra do Instituto de Economia da URSS, em referência, como o custo capitalista de produção corresponde aos dispêndios do capitalista com os meios de produção e com os salários aos operários, ele indica **quanto custa para o capitalista produzir**. “Portanto, o custo da mercadoria para o capitalista é medido pelo ***gasto de capital***” (grifo em itálico do autor, grifo em negrito nosso). Por outro lado, como o custo efetivo de produção é formado pelo custo capitalista de produção acrescido da mais-valia, ele **indica para a sociedade quanto custa se produzir numa economia capitalista**. Portanto, “o custo da mercadoria para a sociedade é medido pelo ***gasto de trabalho***” (grifo em itálico do autor, grifo em negrito nosso). “Por isso, o custo capitalista

25 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 310 e 311.

26 INSTITUTO DE ECONOMIA – ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA URSS. Op. cit. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/ostrovitianov/1959/manual/09.htm#1c9>. Consultado em 11.08.2023 (Idem em relação à redação dos quatro parágrafos seguintes).

de produção da mercadoria é menor do que o valor da mercadoria, isto é, do que o custo efetivo de produção”. A diferença entre os dois custos é igual à mais-valia, “da qual o capitalista se apropria gratuitamente”.

Continuamos com o Manual de Economia Política citado: “Quando o capitalista vende a mercadoria produzida em sua empresa, a mais-valia aparece como um determinado excedente em relação ao custo capitalista de produção [= $c + v$, digo eu]. Para determinar a rentabilidade de sua empresa, o capitalista confronta este excedente [a mais-valia, digo eu novamente] com o capital adiantado, isto é, com todo o capital que ele inverteu na produção [= $c + v$, digo eu mais uma vez]”. Assim, “A mais-valia confrontada com todo o capital toma a forma de lucro”. Ora, “como a mais-valia não é confrontada com o capital variável [em si, digo eu], mas com todo o capital [sem que se separe o capital constante do variável, digo eu novamente], em seu conjunto, dissimula-se a diferença entre o capital constante empregado na compra de meios de produção e o capital variável investido na contratação de força de trabalho. Em consequência, surge a enganosa aparência de que o lucro é, supostamente, gerado pelo próprio capital”. Porém, na realidade, **“a fonte do lucro é a mais-valia criada exclusivamente pelo trabalho dos operários no processo de uso da força de trabalho, cujo valor está cristalizado no capital variável”** (grifo nosso) – isto é, a fonte do lucro é a mais-valia criada exclusivamente pelo mais-trabalho, ou trabalho não pago, que só existe porque existe o trabalho necessário ou pago, que, por sua vez, só existe porque existe o mais-trabalho.

Ainda de acordo com o referido Manual, **somente quando se toma o capital total invertido na produção se pode dizer que o lucro é a mais valia**. Por isso o lucro aparece exteriormente como tendo sido engendrado pelo próprio capital em movimento. “Devido a isto Marx denomina o lucro de ***forma metamorfoseada*** da mais-valia” (grifo em itálico do autor, grifo em negrito nosso). A verdadeira origem do lucro é conhecida quando se considera o capital em suas partes. Como o capital constante representa os meios de produção e estes não cria valor, seu valor, ou custo, é apenas transferido para compor o custo da produção da mercadoria final produzida. De outra banda, como o capital variável (trabalho necessário ou trabalho pago) corresponde a uma parte da força de trabalho total, esta cria valor, pois transforma o trabalho objetivado anteriormente nos meios de produção adquiridos em outra mercadoria destinada à venda, gerando valor. A diferença entre o capital total adiantado no processo produtivo, que se divide em capital constante e capital variável, e o valor da produção total espelha exatamente a mais-valia, resultante do mais-trabalho, ou do trabalho não pago²⁷.

Encerrando parcialmente nossa consulta ao Manual de Economia Política do Instituto de Economia da Academia de Ciências da URSS, lemos que “Do mesmo modo que a forma salário oculta a exploração do operário assalariado, criando a falsa

27 Da relação entre capital e trabalho e da criação do valor e da mais-valia, entre outros aspectos relativos à produção do capital, tratamos no [Folheto nº 07](#), para onde remetemos o leitor.

representação de que, supostamente, todo o trabalho seria remunerado, também exatamente assim a forma lucro, por sua vez, oculta a relação de exploração, criando a ilusória aparência de que o lucro seria engendrado pelo capital. Assim é que as formas das relações de produção capitalistas dissimulam e mascaram sua essência exploradora”.

Dito isso, retornando a *Gênese e estrutura de “O capital”*, o nosso autor ucraniano coloca em cena mais um problema também apresentado nos *Grundrisse*: o “problema da taxa geral de lucro e dos preços de produção [ou preços de mercado, digo eu] divergentes dos valores [das mercadorias, digo eu novamente]”, que traz consigo a questão da **taxa média de lucro**.²⁸

Repare que agora passamos a examinar o lucro considerando as categorias **preço e valor da mercadoria**, e não mais o capital e sua relação com o trabalho. Lê-se nos manuscritos de 1857/1858: “Como o **lucro do capital só se realiza no preço que [...] se paga pelo valor de uso criado pelo capital** [a utilidade do capital de se autovalorizar, digo eu], o **lucro está determinado pelo excedente do preço recebido em relação ao preço que cobre os desembolsos efetuados** [pelo capitalista, digo eu novamente]” (grifo nosso). Ou, como afirma Rosdolsky, citando Marx, “pelo diferencial em relação ao ‘preço de custo’”.

O produto deve ressarcir ao capitalista o valor do capital investido ou adiantado na produção, o custo capitalista de produção (formado pelo capital constante (valor dos meios de produção) e pelo capital variável (massa salarial correspondente ao trabalho necessário, ao trabalho pago). “Depois de subtrair aquela parte do preço que representa esse ressarcimento”, explica Marx, “o excedente constitui o lucro”. Como o mais-trabalho não custa nada ao capital, não está incluído entre os valores adiantados pelo capitalista na produção. “Este mais-trabalho”, que, como vimos, está incluído no custo efetivo de produção da mercadoria e que é a fonte da mais-valia, e portanto do lucro, “[...] não aparecerá entre os custos de produção do capital”. “Portanto, do ponto de vista do capital, os custos de produção não são os reais custos de produção, pois, ao capital, o mais-trabalho não custa nada. O excedente no preço do produto sobre o preço dos custos de produção [do capital, digo eu] forma o lucro”.²⁹

Repare que ao afirmar que “o lucro do capital só se realiza no preço que se paga pelo valor de uso criado pelo capital”, Marx adentra ao **campo do intercâmbio**, e, por conseguinte, ao **campo da concorrência**. E assim assenta: “[...] *para cada capital individual o lucro não estará necessariamente limitado por sua mais-valia, pelo mais-trabalho contido nele*; terá relação também com o preço a mais que o capital obtenha no intercâmbio” (grifo do autor). Pode-se realizar um intercâmbio por um valor maior do que o equivalente aos chamados “custos efetivos de produção ($c + v + m$)”. Neste caso, “o lucro será maior que sua mais-valia”. Todavia, “Isso exige que outro agente do

28 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 311 (Idem em relação à redação do parágrafo seguinte).

29 Ibidem, p. 570 Nota 20.

intercâmbio [outro capitalista, digo eu] não receba um equivalente”. Mas o contrário também pode ocorrer, o lucro pode ser menor que a mais-valia: “Pode existir lucro para o capital, mesmo que ele não realize [...] todo o mais-trabalho mobilizado por ele”. Na explicação dessas operações, o autor dos *Grundrisse*, a nosso ver, dá o “pulo do gato” ao introduzir um importante aspecto relativo à mais-valia: “A mais-valia total, assim como o lucro total – que é apenas a própria mais-valia calculada de outra maneira –, nunca pode aumentar ou diminuir por causa dessa operação [ou dessas operações, digo eu]; o que se modifica é sua **distribuição** [a distribuição da mais-valia, digo eu novamente] entre os **diversos capitais**” (grifo nosso), visto que na operação de intercâmbio da mercadoria capitalista, na sua realização (na sua venda), que ocorre na esfera da circulação, não há criação de mais-valia, pois esta foi criada, antes, no processo de produção.³⁰

Imaginamos que o leitor mais atento esteja intrigado com o que estamos a analisar neste momento sem sair dos *Grundrisse*: a questão do lucro em face da concorrência de capitais, em face dos “diversos capitais”. Não dissemos ao longo de todo este artigo que naqueles manuscritos Marx investigou o “capital em geral”, não tratando da pluralidade de capitais? Nada mudou nesse sentido. Os próprios *Grundrisse* esclarecem, conforme aponta Rosdolsky: “Todavia, Marx acrescenta, este problema só deve ser abordado ‘na seção sobre concorrência’, sobre a ‘pluralidade de capitais [que veio a ser o Livro III d’*O capital*, digo eu], e não aqui’ onde só devemos prestar atenção ‘no lucro do capital’, ou seja, no capital e no lucro ‘em geral’”.³¹

Contudo, para Marx, já nos *Grundrisse* se fazia necessário abordar essa questão, ainda que com foco no capital e no lucro em geral, como afirmou, pois entendia que este estágio da investigação não se ocupava da repartição da mais-valia, como podia parecer, e sim, ainda, de sua criação, apesar de saber que “outras determinações intervêm no nivelamento das taxas de lucro”, como chegou a observar nos próprios manuscritos. Ocorre que para avançar neste aspecto se fazia necessário analisar como se efetua a distribuição de mais-valia entre os diversos capitais para se chegar, agora, na formação da **taxa média de lucro** de dada economia.

Primeiramente vamos à definição de taxa média de lucro. Com o auxílio do livro *Manual de Economia Política*, da Academia de Ciências da URSS, define-se taxa média de lucro como sendo o somatório da taxa geral de lucro, correspondente a capitais da mesma grandeza de diferentes ramos da economia, dividido pela quantidade de setores considerados. “Assim, a concorrência entre os diferentes ramos da produção faz com que as diversas taxas de lucros, existentes nos diferentes ramos da produção capitalista, nivelem-se numa taxa comum (ou média) de lucro. Este nivelamento opera-se através da transferência do capital (e, conseqüentemente, do trabalho) de uns ramos da produção para outros, através do **mecanismo dos preços**” (grifo nosso),³² ou seja,

30 Ibidem, p. 311.

31 Ibidem, p. 312 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte).

32 INSTITUTO DE ECONOMIA – ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA URSS. Op. cit. Disponível em

o nivelamento das taxas de lucro opera-se através da transferência de uma parte da mais-valia, que corresponde ao mais-trabalho, de um setor para outro.³³

Esmiunçando essa definição, segundo Marx, “É impossível que as taxas de lucro [‘diretas’, intervêm Rosdolsky] extraídas de capitais iguais a 100 [capitais da mesma magnitude, digo eu] sejam iguais, já que são diferentes as proporções do mais-trabalho, segundo a produtividade do trabalho e as relações entre matéria-prima, maquinaria, salário e volume de produção [...]”. O filósofo alemão-prussiano prossegue: “A classe capitalista distribui, até certo ponto, a mais-valia total, de modo que [‘os capitalistas participam nela’, intervêm novamente Rosdolsky] de maneira uniforme, de acordo com a magnitude de seu capital, em vez fazê-lo de acordo com a mais-valia criada de fato pelos capitais nos diversos ramos de negócios. O lucro maior – procedente do mais-trabalho real dentro do setor produtivo, isto é, originado na mais-valia realmente produzida – é rebaixado para o nível médio pela concorrência, enquanto o deficit de mais-valia no outro setor é elevado a esse nível médio graças à retirada de capitais dele”. E isso ocorre, ou se produz, “pela relação entre os preços nos diversos ramos de negócios, os quais podem cair, em um deles, para abaixo de seu valor, enquanto no outro se elevam para acima desse valor. Daí surge a aparência de que a mesma soma de capital cria o mesmo mais-trabalho ou a mesma mais-valia em diferentes setores”.

Reportando-nos mais uma vez ao livro *Manual de Economia Política*, que nos serve de apoio à análise da taxa média de lucro, replicamos o exemplo ali exposto para ilustrar o escrito acima: “Suponhamos que existam na sociedade três ramos — de couros, têxtil e de construção de máquinas — com capitais da mesma grandeza, mas com diferentes composições orgânicas. A grandeza do capital adiantado em cada um desses

<https://www.marxists.org/portugues/ostrovitianov/1959/manual/09.htm#1c9>. Consultado em 15.08.2023.

Note que estamos tratando da concorrência de capitais em *diferentes ramos* da economia, o que é distinto de considerar a concorrência de capitais em um mesmo ramo da economia. “A *concorrência dentro de cada ramo* é a que se estabelece entre as empresas de um mesmo ramo, produtoras de mercadorias do mesmo gênero, buscando maiores vantagens na venda dessas mercadorias e a obtenção de lucros suplementares. As diferentes empresas trabalham em condições diversas e diferenciam-se umas das outras pelas proporções da empresa, pelo nível de dotação técnica e de organização da produção. Devido a isto, não é o mesmo o valor individual das mercadorias produzidas por diferentes empresas. Entretanto, o preço das mercadorias não é determinado pelos seus valores individuais, mas pelo valor social. O processo de formação do valor social opera-se espontaneamente, através da concorrência entre empresas de um mesmo ramo” (grifo do autor) (O valor individual da mercadoria é o tempo de trabalho abstrato necessário para produzir uma mercadoria em particular. Já o valor social da mercadoria é o tempo de trabalho abstrato necessário para produzir uma mercadoria em relação ao tempo de trabalho abstrato necessário para produzir outras mercadorias. O valor social da mercadoria é importante porque é o que determina o preço de mercado da mercadoria). “A *concorrência entre os diferentes ramos* é aquela que se estabelece entre os capitalistas dos diferentes ramos da produção por uma inversão mais lucrativa do capital. Os capitais empregados nos diferentes ramos da produção possuem composições orgânicas diversas. Uma vez que a mais-valia é criada exclusivamente pelo trabalho dos operários assalariados [na forma de mais-trabalho, frisamos], nas empresas daqueles ramos onde predomina uma baixa composição orgânica do capital, um capital da mesma grandeza e com uma taxa igual de mais-valia produz uma massa relativamente maior de mais-valia. Já nas empresas onde a composição orgânica do capital é mais elevada, produz-se uma massa relativamente menor de mais-valia para um capital da mesma grandeza. Todavia, a luta de concorrência entre os capitalistas dos diferentes ramos faz com que se nivelem as proporções dos lucros sobre os capitais de iguais dimensões” (Idem. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/ostrovitianov/1959/manual/09.htm#1c9>. Consultado em 15.08.2023).

33 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 311.

ramos é igual a 100 unidades (digamos milhões de dólares). O capital do ramo de couros é composto por 70 unidades de capital constante e 30 unidades de capital variável; o do ramo têxtil [é composto, acrescentamos] de 80 unidades de capital constante e 20 de variável e o do ramo de construção de máquinas é composto de 90 unidades de capital constante e 10 unidades de capital variável”. Considerando que a taxa de mais-valia seja a mesma nos três casos e igual a 100%, “no ramo de couros serão produzidas 30 unidades de mais-valia, no têxtil 20 e no de construção de máquinas 10 unidades³⁴. O valor das mercadorias, no primeiro ramo, será igual a 130, no segundo, a 120, no terceiro, a 110, [de modo que, digo eu] nos três ramos, em conjunto, [o valor total das mercadorias será igual, digo eu novamente] a 360 unidades”^{35, 36}.

No caso de as mercadorias serem vendidas pelo seu valor, “no ramo de couros a taxa de lucro será de 30% ($^{30}/_{100} \times 100$), no têxtil, de 20% ($^{20}/_{100} \times 100$) e no de construção de máquinas será de 10% ($^{10}/_{100} \times 100$)³⁷. Essa distribuição dos lucros revela-se bastante vantajosa para os capitalistas do ramo da produção de couros, mas desvantajosas para os capitalistas do ramo da construção de máquinas”. Por uma inversão mais lucrativa do capital, nestas condições, “os industriais da construção de máquinas irão procurar uma aplicação mais vantajosa para os seus capitais. E esta aplicação eles a encontrarão no ramo de couros. Verificar-se-á, então, uma transferência dos capitais do ramo da construção de máquinas para o da indústria de couros. Devido a isto, a quantidade de mercadorias produzidas no ramo de couros aumentará, a concorrência inevitavelmente tornar-se-á mais aguda e obrigará os industriais desse ramo a baixar os preços de suas mercadorias, o que acarretará também a redução da taxa de lucro. E no ramo da construção de máquinas, ao contrário, diminuirá a quantidade de mercadorias produzidas e a modificação verificada na relação entre a oferta e a procura oferecerá aos industriais a possibilidade de elevar os preços de suas mercadorias, em razão do que subirá também a taxa de lucro”.

Na sequência do movimento do capital, “A queda dos preços no ramo de couros e o aumento dos preços no de construção de máquinas continuará até o momento em que a taxa de lucro em todos os ramos se tornar aproximadamente a mesma. Isto se produzirá quando as mercadorias de cada um dos três ramos forem vendidas

34 Taxa de mais-valia (tm) = massa de mais-valia total (m) (= produção total – (capital constante total + capital variável total) ÷ capital variável total (v)) $\Leftrightarrow m = tm \times v$. Ramo de couros: $m = 1 \times 30 = 30$ unidades. Ramo têxtil: $m = 1 \times 20 = 20$ unidades. Ramo construção de máquinas: $m = 1 \times 10 = 10$ unidades. Massa de mais-valia total = 60 unidades.

35 Valor da mercadoria (ou custo efetivo de produção) (ce) = capital constante (c) + capital variável (v) + massa de mais-valia (m). Ramo de couros: $ce = 70 + 30 + 30 = 130$ unidades. Ramo têxtil: $ce = 80 + 20 + 20 = 120$ unidades. Ramo construção de máquinas: $ce = 90 + 10 + 10 = 110$ unidades. Ce total = 360 unidades.

36 INSTITUTO DE ECONOMIA – ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA URSS. Op. cit. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/ostrovitianov/1959/manual/09.htm#i1c9>. Consultado em 15.08.2023 (idem em relação à redação dos três parágrafos seguintes).

37 Taxa geral de lucro (tgl) = massa de mais-valia total (m) (= produção total – (capital constante total + capital variável total) ÷ capital total (ct) (= capital constante total + capital variável total). Ramo de couros: $tgl = 30 \div 100 \times 100 = 30\%$. Ramo têxtil: $tgl = 20 \div 100 \times 100 = 20\%$. Ramo construção de máquinas: $tgl = 10 \div 100 \times 100 = 10\%$.

por 120 unidades ($^{130+120+110}/_3^{38}$). O lucro médio de cada ramo, em tais condições, será igual a 20 unidades”³⁹.

“Com a formação da taxa média de lucro, os capitais de uns ramos (em nosso exemplo, do ramo de couros) privam-se de uma parte da mais-valia criada pelos operários que neles trabalham [=30 unidades]. Em compensação, os capitalistas de outros ramos (em nosso exemplo, do ramo de construção de máquinas) realizam um excedente de mais-valia. Isto significa que os primeiros vendem suas mercadorias por preços abaixo [=120 unidades] do seu valor [=130 unidades], enquanto que os segundos o fazem por preços [=120 unidades] que superam o seu valor [=110 unidades]. O preço da mercadoria de cada ramo compõe-se agora do custo de produção (100 unidades) e do lucro médio (20 unidades)”. Por fim, verifica-se que o preço resultante da soma do custo de produção da mercadoria com o lucro médio é o preço de produção ou preço de mercado.

Nas páginas finais do capítulo vinte e cinco, Roman Rosdolsky dedica-se às passagens dos *Grundrisse* em que identifica a diferença entre a teoria do lucro de Karl Marx e a de David Ricardo, visto que da crítica da teoria deste último nasceu a teoria do lucro de Marx. Sobre essa distinção destacamos dois pontos, sem entrar nos detalhes expostos por Roman: a) que a teoria de Ricardo, conforme Rosdolsky, “não pode superar a contradição entre a determinação dos valores dos produtos pelo tempo de trabalho relativo [ou tempo de trabalho abstrato necessário, digo eu] e a ‘fixação real do preço na prática’ justamente porque ele não ‘concebe o lucro como forma secundária e derivada da mais-valia’”.⁴⁰ Embora conceba que o valor é determinado pelo trabalho, David Ricardo esbarrou “na contradição entre, de um lado, a determinação do valor a partir do trabalho e, de outro, a existência de uma taxa geral de lucro [...]”.⁴¹ Não “reconhece diferença nem entre capital constante e capital variável nem entre taxa de lucro e taxa de mais-valia”.⁴² Ao contrário da escola ricardiana, a teoria marxiana do lucro “demonstrou que, pela intervenção da taxa geral de lucro, ‘cria-se um preço de mercado diferente do valor de troca [no sentido de valor, ou valor econômico ou intrínseco da mercadoria, digo eu] [...]’”;⁴³ b) a importância fundamental do método dialético hegeliano, seu “elemento racional”, como Marx afirma numa carta a Engels, de janeiro de 1858, transcrita em parte por Rosdolsky, “para “jogar por terra” toda “a doutrina sobre o lucro, tal como existia até hoje”, referindo-se aos clássicos, reconhecendo o lucro como uma “forma fenomênica” necessária da mais-valia.”⁴⁴

38 Onde 130, 120 e 110 unidades correspondem ao valor ou custo efetivo de produção da mercadoria de cada um dos três ramos considerados no exemplo apresentado.

39 Taxa média de lucro (tml) = Σ taxa geral de lucro (tg) $\div$ nº de ramos da economia = $60\% \div 3 = 20\%$, ou 20 unidades.

40 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 312.

41 Idem, p. 313.

42 Ibidem, p. 315.

43 Ibidem, p. 313 c/c p. 571 Nota 30 (Trecho extraído pelo autor de *Gênese do texto Para a crítica da economia política*, escrito por Marx em 1959).

44 Ibidem, p. 313.

Capítulo 26: A lei da queda da taxa de lucro e a tendência à derrocada do capitalismo

O nosso pensador marxista ucraniano, Roman Rosdolsky, começa o capítulo vinte e seis de *Gênese e estrutura de O capital* afirmando taxativamente que “O manuscrito de 1857/1858”, *Grundrisse*, “também traz a solução para outro problema fundamental da economia [capitalista, complementamos], o da **queda tendencial da taxa de lucro**” (grifo nosso). E disse mais: “Tal solução também nasceu da análise da teoria de Ricardo [referindo-se ao grande economista político clássico britânico, David Ricardo, digo eu]”.⁴⁵

Segundo Rosdolsky, David Ricardo, assim como todos os economistas clássicos, estudando especificamente a economia capitalista, “destaca que a ‘**tendência natural do lucro é cair**’ na medida em que o **capital se acumula**” (grifo nosso) – isto é, na medida em que parte dos lucros são continuamente reinvestidos na produção, aumentando o volume de capital constante (meios de produção) na economia, criando-se um ciclo de autorrealização e, por conseguinte, de acumulação crescente de capital pela via da execução sucessiva de investimentos. Uma flagrante contradição, pois não.

“De onde vem essa tendência? Em que se baseia?”, questiona o autor de *Gênese*. Restringindo-se aos dois maiores representantes da Escola Econômica Clássica, Adam Smith e David Ricardo,⁴⁶ Roman Rosdolsky, ancorado nos *Grundrisse*, mas não só, traz as explicações de Smith, as fundamentações de Ricardo e, por fim, o posicionamento de Marx face às teses desses economistas, bem como a explicitação da sua própria teoria.

Discorrendo sobre a tese de Adam Smith, autor da importante obra *A Riqueza das Nações*, Karl Marx aponta que Smith foi um dos que “explicou a queda na taxa de lucro, na medida em que o capital aumenta, como se ela [a queda da taxa de lucro, digo eu] decorresse da *concorrência entre os capitais*” (grifo nosso).

David Ricardo, de pronto, “se opôs” à explicação do autor de *A riqueza das Nações*, diz o nosso filósofo alemão, sob o argumento de que na disputa de capitais de diversos setores produtivos, “a concorrência pode [até, digo eu] reduzir as taxas de lucro”, porém, tão somente “até um nível médio”. Ou seja, continua Marx, a concorrência “pode nivelar as taxas”, como vimos no capítulo anterior, “mas não pode fazer cair essas taxas médias”.

45 Ibidem, p. 315 (Ibidem em relação à redação dos cinco parágrafos seguintes). Além dos *Grundrisse*, o autor de *Gênese* também recorre ao *Livro I - O processo de produção do capital*, *Livro III - O processo global da produção capitalista* e *IV - Teorias da mais-valia: História Crítica do Pensamento Econômico*, todos d’*O capital*. Quando tal situação ocorrer, faremos menção ao Livro utilizado.

46 Sobre a Escola Clássica e seus maiores representantes, confira aqui [Escola Econômica Clássica](#), [Adam Smith](#) e [David Ricardo](#).

Karl Marx também rejeitou a tese “smithiana”, classificando-a como “falsa”. Ele explica: falsa no sentido em que Adam Smith compreende a pluralidade de capitais, “como se concorrência impusesse ao capital leis externas, induzidas de fora, que não seriam suas próprias leis”. Como, para Smith, este movimento tendencial de queda da taxa de juros não é um fato intrínseco ao capital, ligado à sua natureza, às suas contradições imanentes, então seria possível controlá-lo também externamente.

No entendimento do autor d’*O capital*, “A concorrência só pode fazer baixar permanentemente e em todos os setores as taxas de lucro, ou seja, só pode fazer baixar permanentemente as taxas médias de lucro, com a força de uma lei, se for concebível – e só na medida em que for concebível – uma queda geral e permanente antes mesmo de a concorrência operar, por motivos que não têm nada a ver com ela” – por motivos relacionados, na origem, com a essência do capital, com as contradições que lhe são inerentes. Por ser assim, em conformidade com o pensamento marxiano, não se pode atribuir à concorrência de capitais em si a condição de fundamento “de um dos fenômenos mais importantes da produção moderna”, a queda tendencial da taxa de lucro, conforme Marx a qualifica.⁴⁷

Ao contrário de Adam Smith, ambos, Karl Marx e David Ricardo, extraem das **próprias leis internas do capital** os respectivos argumentos para explicar o fenômeno.

A par disso, o nosso autor ucraniano indaga: “Qual é”, para David Ricardo, “a lei interna que produziria a tendência à queda na taxa de lucro?”.⁴⁸ Marx responde com base em assertiva do próprio Ricardo, assim transcrita: “[...] A contínua queda do lucro está relacionada, pois, a um contínuo aumento da renda da terra”.⁴⁹ Isso dito, é de se afirmar que o fundamento daquele economista britânico para explicar a queda tendencial da taxa de lucro se ampara na *lei da renda da terra*.

Para compreendermos pelo menos um pouco do pensamento de David Ricardo nesse campo, valendo-nos da professora Maria Heloisa Lenz, trazemos uma definição síntese de renda da terra adotada por aquele economista, bem assim o cerne da sua teoria do lucro:⁵⁰

“[...] é da definição da renda de Malthus⁵¹ que Ricardo parte para a elaboração de sua própria teoria. Segundo essa

47 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 315 e p. 316.

48 Idem, p. 315.

49 Ibidem, p. 316.

50 LENZ, Maria Heloisa. **A categoria econômica renda da terra**. Porto Alegre-RS: Secretaria do Planejamento e da Administração - Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, 4ª Impressão, Nº 1, 1992, p. 23 (Disponível <https://www.bing.com/ck/a?!&&p=8b565f4f473fe5a2JmltdHM9MTY5MjU3NjAwMCZpZ3VpZD0wNTFkZWJjZi0xOWY5LTU0ZGltMjE1NC1mOTE0MTg2ZjY1YzQmaW5zaWQ9NTAwNg&ptn=3&hsh=3&fclid=051debcf-19f9-64db-2154-f914186f65c4&u=a1aHR0cDovL2Nkbi5mZWUudGNoZS5ici90ZXNlcy9kaWdpdGFsaXphY2FvL3Rlc2VzXzEucGRm&ntb=1>. Consultado em 21.08.2023). Idem em relação à redação do parágrafo seguinte.

51 Conforme https://pt.wikipedia.org/wiki/Thomas_Malthus. Consultado em 28.08.2023.

definição, a renda [da terra, digo eu] é ‘a parte do valor do produto total que resta ao proprietário [fundião, digo eu] após o pagamento de todas as despesas de qualquer espécie correspondentes ao cultivo, incluindo-se nestas despesas os lucros do capital empregado, calculados segundo a taxa usual e comum dos lucros do capital agrícola no período de tempo considerado’. Desse modo, se o produto total for unicamente igual ao valor das despesas necessárias ao cultivo, não pode haver nem renda, nem lucro”. (grifo nosso)

Vejamos agora o que diz a professora Lenz sobre a teoria ricardiana do lucro:

“[...], Ricardo no ‘Ensaio’ trouxe uma visão inovadora da teoria da renda da terra, na medida em que a apresentava juntamente com uma teoria sobre os lucros bem como a *tendência à queda da taxa de lucro* no decorrer do processo de desenvolvimento do capitalismo. É importante ressaltar que, no exame da questão da renda da terra levada a efeito por Ricardo, a preocupação maior era como comportamento da taxa de lucro. Sobretudo com as suas relações com o *salário*. Disso depreende-se que Ricardo tinha pleno conhecimento da natureza capitalista da economia examinada por ele. Na medida em que o comando do processo de acumulação de capital é dado pela taxa de lucro, dependendo de seu movimento, e deste, o do próprio processo capitalista [sic], não há dúvida alguma de que o lucro representa a categoria econômica fundamental. O direcionamento dado por Ricardo ao seu trabalho demonstra a sua clareza sobre isso. A análise da determinação e da evolução da taxa de lucro empreendida por Ricardo desenvolve-se a partir do pressuposto de que esta [a taxa de lucro, digo eu] se acha diretamente ligada à questão da determinação e da evolução da renda da terra. Isso fica claramente explicitado na abertura do seu artigo quando afirma: ‘Ao analisar a questão dos lucros do capital, torna-se necessário considerar os princípios que regulam o aumento e a diminuição da renda fundiária, uma vez que esta e os lucros encontram-se em íntima conexão entre si’. Dessa forma, a tese fundamental de Ricardo é que a taxa geral de lucro da economia é determinada pela taxa de lucro agrícola e que o seu exame exige uma análise concomitante da renda fundiária”. (grifo nosso)

Do exposto, destacamos que a partir da análise dos princípios que atuam sobre o aumento e diminuição da renda da terra, David Ricardo investiga não só o comportamento da taxa de lucro, mas também, “e sobretudo” suas relações com o salário.⁵²

52 Dos detalhes da teoria ricardiana da renda da terra e sua relação com a taxa de lucro, e desta com o salário, bem como da crítica de Marx à referida teoria, trataremos no quarto momento da nossa *Expedição*, mais precisamente quando do estudo do Livro IV d’*O capital*. Para o momento, uma boa síntese da teoria de David Ricardo e do posicionamento de Marx sobre o tema pode ser encontrada nos escritos da professora Maria Heloisa Lenz, *A teoria da renda da terra: Ricardo e Malthus* e *A categoria econômica renda da terra*, ambos disponíveis na Internet.

Na apreciação do comportamento da taxa de lucro face ao salário, aspecto principal da tese ricardiana para a queda tendencial da taxa de lucro, Roman Rosdolsky, citando o economista britânico, marca que “[...] segundo sua teoria, lucros e salários só podem aumentar ou diminuir em proporção inversa. Daí surge a ideia de que ‘a acumulação de capital não pode provocar uma queda permanente no lucro se não houver uma causa permanente para o aumento dos salários’”.⁵³ Em nossas palavras: a teoria do lucro de David Ricardo (que ele aplica à economia como um todo, embora adote como parâmetro a renda fundiária) aceita a acumulação de capital (o aumento crescente do capital agrícola) como geradora da queda tendencial da taxa de lucro, mas vincula a produção desse efeito a um fator determinante, o aumento permanente dos salários.

De acordo com o nosso autor ucraniano, Ricardo considera o valor do salário, regra geral, “igual ao preço dos meios de subsistência necessários aos trabalhadores”. Nessa linha, diz Marx, “para explicar a queda na taxa de lucro, é preciso concluir que o valor do principal componente dos meios de vida – a alimentação – cresce constantemente”. E isto, complementa o filósofo alemão, reproduzindo o que próprio David Ricardo escreveu, “decorre do fato de que a agricultura se torna cada vez menos produtiva [...]. A contínua queda do lucro está relacionada, pois, a um contínuo aumento da renda da terra”.⁵⁴

Grosso modo, a teoria da renda da terra de D. Ricardo tem como premissa que a qualidade da terra (mais produtiva/menos produtiva) influi inversamente no movimento da renda fundiária.⁵⁵ Na medida em que se acumula capital com abertura de novas áreas (que, segundo Ricardo, são de qualidade inferior às anteriores, e assim sucessivamente), haverá um aumento constante no preço dos alimentos para os trabalhadores, e, por conseguinte, um aumento crescente dos salários (pois, como visto, para ele, o valor do salário é igual ao preço dos meios de subsistência do trabalhador), o que aumenta a renda da terra para o proprietário, mas, inversamente, acarreta uma queda da taxa de lucro.

Em Ricardo, portanto, os lucros dependem do nível dos salários, que dependem do preço dos meios de subsistência, que depende principalmente do preço dos alimentos, “porque todos os demais elementos podem ser aumentados de forma quase ilimitada”. “[...] a única causa adequada e permanente da alta dos salários é a crescente dificuldade para prover alimentos e meios de subsistência ao crescente número de trabalhadores”.⁵⁶

53 ROSDOLSKY, Roman, p. 315. O trecho do parágrafo em Nota atribuído a David Ricardo foi extraído por Rosdolsky do Livro IV d’*O capital* (Idem, p. 572 Nota 5).

54 Ibidem, p. 316.

55 De acordo com Roman, essa é uma das duas premissas da fundamentação de Ricardo para a lei de queda da taxa de lucro, no caso, ele lança mão da “hipótese malthusiana da diminuição da fertilidade da agricultura, pela piora progressiva do solo cultivado” (Ibidem, p. 315).

56 Ibidem, p. 572 Nota 6. O trecho do parágrafo em Nota atribuído a David Ricardo foi também extraído por Rosdolsky do Livro IV.

Chegamos, então, à crítica de Marx da tese “ricardiana”. Roman Rosdolsky registra a recusa do autor dos *Grundrisse* da solução de Ricardo e diz mais: “que uma errônea teoria do lucro impediu que Ricardo explicasse a queda tendencial da taxa de lucros, ‘um dos fenômenos mais importantes da produção moderna’”. “Ricardo”, observa o filósofo alemão, “confunde mais-valia e lucro”. Karl Marx prossegue: David Ricardo parte da “falsa premissa de que a taxa de lucro é igual à taxa de mais-valia relativa [a mais-valia relacionada com a produtividade do trabalho, recordamos]⁵⁷, de modo que [a taxa de lucro, digo eu] só pode aumentar ou diminuir de forma inversamente proporcional ao aumento ou à diminuição dos salários”.

Encerrado comentário sobre a análise marxiana das explicações de Adam Smith e David Ricardo para a queda tendencial da taxa de lucro no modo capitalista de produção, Roman Rosdolsky avança para a tese do próprio Marx.

Tendo como parâmetro a economia capitalista como um todo e as categorias composição orgânica do capital, trabalho necessário e mais-trabalho, mais-valia absoluta e mais-valia relativa, taxa de lucro e taxa de mais-valia, o filósofo alemão-prussiano assenta de partida que “a taxa de lucro não resulta da mais-valia absoluta [a mais-valia produzida pela ampliação da jornada de trabalho, lembramos], mas sim da mais-valia em relação ao capital empregado [da mais-valia relativa, digo eu] [...]”.⁵⁸

Partindo dessa constatação, ele chega à seguinte conclusão: quando há diminuição da proporção entre o trabalho total empregado (trabalho necessário e mais-trabalho) e o capital constante que o trabalho total põe em movimento, isto é, quando o capital constante aumenta face ao trabalho total empregado, há também, necessariamente, diminuição da parte do trabalho que aparece como mais-trabalho ou mais-valia. E isso expressa uma diminuição na taxa de lucro⁵⁹. O que ele anotou também pode ser dito de outra forma, acrescenta Roman: “como a taxa de lucro não é idêntica à taxa de mais-valia, a diminuição do capital variável em relação ao capital constante, produzido pelo permanente revolucionamento da técnica de produção, pelo acréscimo de produtividade, também deve expressar-se em uma taxa de lucro em processo de diminuição”⁶⁰. Tal conclusão resulta, diz Marx, da “lei do crescente aumento da parte constante do capital em relação à variável” – ou “da crescente composição orgânica do capital”,

57 Sobre a categoria *mais-valia* e suas formas fundamentais, *mais-valia absoluta* e *mais-valia relativa*, consulte o [Folheto nº 08](#).

58 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 316 e 317. Como assinala Rosdolsky, David Ricardo, ao contrário de Marx, “não reconhece diferença nem entre capital constante e capital variável”, daí não trabalhar com a categoria da composição orgânica do capital, “nem entre taxa de lucro e taxa de mais-valia” (Idem, p. 315 c/c p. 572 Nota 4).

59 Sendo a taxa geral de lucro (*tgl*) = massa de mais-valia total (*m*) (= produção total (pt) – (capital constante total (c) + capital variável total (v))) ÷ capital total (ct) (= capital constante total (c) + capital variável total (v)), partindo inicialmente da Situação 1 que gera uma *tgl* = 2,33 unidades ou 233% (*tgl* = 70 unidades (= 100 unidades – (20 unidades + 10 unidades) ÷ 30 unidades (= 20 unidades + 10 unidades) = 2,33 ou 233%), no caso de aumento do capital constante, temos agora uma Situação 2 que gera uma *tgl* = 1,5 unidades ou 150% (*tgl* = 60 unidades (= 100 unidades – (30 unidades + 10 unidades) ÷ 40 unidades (= 30 unidades + 10 unidades) = 1,5 ou 150%).

60 Partindo da Situação 1 da Nota anterior que gera uma *tgl* = 2,33 unidades ou 233%, no caso de diminuição do trabalho variável, tudo mais permanecendo constante, temos uma Situação 2 que gera uma *tgl* = 1,85 unidades ou 185% (*tgl* = 65 unidades (= 100 unidades – (30 unidades + 5 unidades) ÷ 35 unidades (= 30 unidades + 5 unidades) = 1,85 ou 185%).

acrescenta o nosso autor ucraniano.⁶¹

Firmando sua tese, Marx assinala que, na verdade, “O incremento da força produtiva é equivalente (a) ao incremento da mais-valia relativa ou do tempo relativo de mais-trabalho que o trabalhador entrega ao capital; (b) à diminuição do trabalho necessário para reproduzir a capacidade de trabalho; (c) à diminuição da parte do capital [capital variável, digo eu] que é trocada por trabalho vivo [trabalho atual, digo eu], em relação às partes do mesmo que participam no processo produtivo na condição de trabalho objetivado [nos meios de produção, digo eu]”.

“Logo”, segue o filósofo alemão, “a taxa de lucro mantém uma **relação inversa** com o incremento da mais-valia relativa ou do mais-trabalho relativo, com o desenvolvimento das forças produtivas e com a magnitude do capital empregado na produção como capital constante” (grifo nosso).

Portanto, “Na medida em que, no processo de produção, o capital ocupa um espaço maior, como capital, em relação ao trabalho imediato, quanto mais cresce o mais-trabalho relativo [baseado no aumento da produtividade, digo eu] – a força criadora do valor, própria do capital – tanto mais cairá a taxa de lucro”. A base da construção teórica exposta para explicar a queda tendencial da taxa de lucro, e, conseqüentemente, dessa conclusão, vimos no Folheto nº 08, frisamos.

Isso é tudo que conseguimos captar do comentário de Roman Rosdolsky sobre o que Marx pensa das teses dos economistas clássicos Adam Smith e David Ricardo acerca do “fenômeno” da queda da taxa de lucro, como movimento imanente ao capital, e, principalmente, acerca dos primeiros apontamentos relativos à própria tese marxiana.

Contudo, Roman Rosdolsky não para por aqui. Ainda no capítulo vinte e seis ele avança para abordar a **relação da lei da queda da taxa de lucro face à tendência à derrocada do capitalismo**, combinando o contido nos *Grundrisse* com o exposto em *O capital*. Conforme o disposto no Livro III, na realidade, a queda da taxa de lucro “é apenas uma tendência, como ocorre com todas as leis econômicas”, sendo inibida por numerosas “influências que atuam em sentido contrário”. “Na teoria se pressupõe que as leis do modo capitalista de produção se desenvolvem de maneira pura. Na realidade, porém, sempre existe apenas uma aproximação; tal aproximação é tanto maior quanto mais desenvolvido esteja o modo capitalista de produção e quanto mais se tenha eliminado sua contaminação e amálgama com restos de situações econômicas anteriores”.⁶²

No percurso do capital desenvolvido, existem vários fatores que atrasam o movimento da queda da taxa de lucro, leciona Marx. Nos *Grundrisse* ele enumera alguns

61 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 317 (Idem em relação à redação dos três parágrafos seguintes). Da origem desse raciocínio marxiano tratamos no item B do já referido [Folheto nº 08](#).

62 Ibidem, p. 317 e p. 572 Nota 20.

deles, mas não discorre sobre o porquê de retardarem a queda da taxa de lucro, só o fazendo anos depois no Livro III, a saber: as “crises; a contínua desvalorização de uma parte do capital existente; a transformação de grande parte do capital em capital fixo que não presta serviços como agente da produção direta; o gasto improdutivo de grande parte do capital etc. [...]”; a “criação de novos setores produtivos, nos quais se exige mais trabalho imediato em proporção ao capital, ou nos quais a força produtiva do trabalho ainda não está desenvolvida”; os “monopólios”; a “diminuição de impostos e da renda da terra etc.”.⁶³

Não obstante, nos manuscritos de 1861-1863, buscando, de certa forma, atrelar a tendência natural de queda da taxa de lucro à ideia da também tendência de derrocada do capitalismo, como consequência daquela, ele afirma, não sem alguma ressalva: “O processo de queda da taxa de lucro produziria”, por certo, “uma derrocada rápida da produção capitalista se, junto à força centrípeta e de forma constante, não atuassem também a contratendências que exercem uma influência descentralizante”.⁶⁴

Chamando David Ricardo para o debate, Roman Rosdolsky apura que, em contraposição àquele economista, “que atribuíu a queda tendencial da taxa de lucro à natureza [à renda da terra, em torno da qual, ou partir da qual, os lucros estabeleciam uma relação inversa com o nível dos salários, que dependia do preço dos meios de subsistência, que dependia principalmente do preço dos alimentos, como vimos]”, Karl Marx entende que “esta queda só podia ser explicada pelo fato de que ‘embora se explore tanto ou mais o trabalhador [com o aumento da produtividade do trabalho originada pelo acúmulo de capital em novas tecnologias e maquinaria, digo eu], a parte do capital que se troca por trabalho vivo’, que se troca por salário, “diminui relativamente [relativamente face a maior produtividade do mais-trabalho]”⁶⁵.

Isso posto, dirigindo-se para o final do capítulo, Rosdolsky reproduz a conclusão de Marx sobre a lei da queda tendencial da taxa de lucro, “a lei mais importante da moderna economia política”, diz o nosso filósofo alemão: “Desse modo, fica claro que a força produtiva material já disponível, já elaborada, existente sob a forma de capital fixo – junto com a ciência, a população etc., em suma, todas as condições [...] para a reprodução da riqueza [...] –, que o desenvolvimento das forças produtivas motivado pelo próprio capital em seu processo histórico [de acumulação e de busca de mais mais valor, digo eu], uma vez atingido certo ponto, anula a autovalorização do capital em vez de propiciá-la”.⁶⁶

Portanto, “O desenvolvimento da capacidade produtiva torna-se um obstáculo

63 Ibidem, p. 317.

64 Ibidem, p. 318 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte). Marx não desenvolve nos *Grundrisse* esse assunto, ele diz: “esse tema pertence ao capítulo da concorrência entre os capitais”. Como hoje sabemos, anuncia Rosdolsky, esse tema foi desenvolvido em um capítulo do Livro III.

65 Trechos extraídos por Rosdolsky dos Livros III e IV da obra maior marxiana (Ibidem, p. 572 Notas 26 e 27).

66 Ibidem, p. 319 (Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

para o capital; a relação capitalista torna-se uma barreira para o desenvolvimento das forças produtivas do trabalho. Atingido esse ponto, o capital – ou seja, o trabalho assalariado – estabelece com o desenvolvimento da riqueza social e das forças produtivas a mesma relação que o sistema corporativo, a servidão da gleba e a escravidão; como obstáculo, é eliminado”. Nesse passo, “Desaparece a última figura servil assumida pela atividade humana, a do trabalho assalariado, de um lado, e a do capital, de outro; [...] as condições materiais e espirituais para a negação do trabalho assalariado e do capital – os quais já são a negação de formas precedentes da produção social sem liberdade – resultam do processo de produção característico do capital”.

Subindo o tom, Marx encerra a Seção III dos *Grundrisse*: “Em agudas contradições, crises, convulsões, se evidencia a crescente inadequação do desenvolvimento produtivo da sociedade às relações de produção [ou relações sociais de produção, digo eu] em vigor. A violenta aniquilação do capital [‘nas crises’, intervém Rosdolsky], não por circunstâncias alheias a ele mas como condição de sua autoconservação, é a forma mais contundente de aviso para que ele desapareça e dê lugar a um estágio superior de produção social”. Diante dos cataclismos, quebras, crises, rebentos das contradições imanentes ao capital, este, “mediante a suspensão momentânea do trabalho e a aniquilação de grande parte do capital, reduz-se violentamente a este último ponto em que possa retomar sua marcha. [...] Contudo, essas catástrofes recorrentes se repetem em escala maior”.⁶⁷

A par deste “prognóstico de ‘derrocada’”, como Rosdolsky define a parte final da Seção III dos *Grundrisse*,⁶⁸ conclamamos o leitor a uma reflexão quanto à dinâmica do capitalismo contemporâneo, em sua esfera econômica, social e política, em cotejo com a tese marxiana apresentada.⁶⁹

67 Ibidem, p. 319 c/c p. 573 Nota 36.

68 Ibidem p. 319.

69 Por oportuno, recomendamos o artigo do professor Daniel Feldmann, [A crise contemporânea do capitalismo: reflexões a partir de um debate com as abordagens sistêmicas de Arrighi, Fiori e Wallerstein](https://doi.org/10.1590/1982-3533.2019v28n2art03), que “pretende trazer elementos relevantes para a apreensão do capitalismo contemporâneo, partindo da hipótese de que ele está sujeito a uma crise estrutural”, como já constatava Karl Marx em meados do século XIX (in Artigos originais. Econ. soc. 28 (2), 2019. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1982-3533.2019v28n2art03>. Consultado em 24.08.2023).

Capítulo 27: Fragmentos sobre o juro e o crédito

No presente capítulo de *Gênese*, Roman Rosdolsky reúne, como o próprio título informa, alguns registros “de uma investigação concisa” anotados nos manuscritos de 1857/1858, *Grundrisse*, relativa ao **juro** e ao **capital que rende juros** (crédito).⁷⁰

O nosso autor ucraniano justifica as poucas páginas dedicadas ao tema à pressa com que Marx trabalhou para concluir os *Grundrisse*,⁷¹ ao seu estado de saúde fragilizado, muito por conta do excesso de trabalho,⁷² “mas também – e sobretudo – pela estrutura da obra”. Como os manuscritos de 57/58 não deveriam transpor os limites de uma investigação sobre o “capital em geral”, ficava de pronto excluída, sob o aspecto metodológico, a possibilidade de uma dedicação maior ao capital que rende juros e ao seu papel no sistema de crédito, assuntos que somente deveriam ser analisados após o estudo da concorrência ou pluralidade de capitais.

Como se depreende do exposto em *Gênese* sobre os planos estruturais marxianos para desenvolvimento da crítica da economia política, que resultariam mais tarde na obra maior de Marx, o plano inicial (1857) observava um aspecto metodológico e, por conseguinte, material, que juntos não lastreavam a possibilidade de se examinar a concorrência de capitais e o sistema de crédito nas etapas da investigação contempladas nos *Grundrisse*. Aliás, não só nestes, segundo entende Roman Rosdolsky, mas também nos manuscritos de 1861-1863⁷³.

Dos planos estruturais e do aspecto metodológico que os norteia tratamos no Folheto nº 02⁷⁴. Acerca do seu aspecto material, vejamos o que o filósofo alemão escreveu

70 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 321 (Idem em relação à redação do parágrafo seguinte).

71 Vide [Folheto nº 01](#).

72 Por curiosidade, vale reproduzir um trecho da carta de Marx a Engels datada de 29 de março de 1858, transcrita por Roman: “Há duas semanas estou novamente muito doente e estive tomando remédios para o fígado. O trabalho noturno contínuo e muitos desgostos diurnos mesquinhos, resultante das condições econômicas domésticas, me provocaram nos últimos tempos frequentes recaídas” (in ROSDOLSKY, Roman, Op. cit., p. 574 Nota 1).

73 Idem, p. 321 e 322. Roman Rosdolsky anota que Marx “permaneceu fiel” à estrutura dos *Grundrisse* também nos manuscritos de 1861-1863. Nestes também não foram examinadas, como o próprio Marx assenta, “as condições reais sob as quais avança o processo produtivo [...]”, o “[...] movimento real da produção capitalista, a concorrência e o crédito” (Ibidem, p. 322).

74 No [Folheto nº 02](#) apresentamos os planos estruturais que forjaram *O capital*. Ali reproduzimos os comentários de Rosdolsky relativos ao método de Marx, que vai *do abstrato ao concreto*, e, por conseguinte, a justificativa da escolha por começar a investigação pela categoria “*capital em geral*” (grifo nosso). Naquela ocasião, em consonância com Roman Rosdolsky, anotamos que a escolha de Karl Marx no plano original de 1857 de começar sua investigação econômica com o “capital em geral”, sendo o tema principal dos manuscritos *Grundrisse*, dizia respeito à sua intenção de analisar o que todas as diferentes formas de capital têm em comum, que é “*ser capital*” (grifo nosso). Ou seja, quando Marx se dedica ao “capital em geral” como primeiro tomo (livro) do seu plano estrutural inicial ele quer examinar “o processo de sua formação”, a “história geral do nascimento do capital”, sua “autodeterminação”, ou sua “autoformação” – o *capital não acabado*. Este processo, que Rosdolsky classifica como dialético, “é apenas a expressão ideal do movimento real [a concorrência de capitais ou pluralidade de capitais, digo eu] de devir [vir a ser, digo eu novamente] do capital”. Só após examinar o capital não acabado é que chega, “através do exame da concorrência e do sistema de crédito, à forma *mais acabada* que o capital assume, o capital dividido em ações” (grifo nosso).

nos manuscritos de 61/63, reproduzidos em *Gênese*: “Neste ponto, só devemos considerar as formas que o capital percorre [sic] nas diversas etapas de seu desenvolvimento. Portanto, não analisamos as condições reais sob as quais avança o processo produtivo [...]. Não consideramos a concorrência dos capitais nem o sistema de crédito [...]”. Naquele estágio da investigação estava clara para o nosso filósofo alemão a intenção de analisar o que todas as diferentes formas de capital têm em comum, que é “*ser capital*”, o “capital em geral”, a condição ideal do movimento do capital.⁷⁵

Por ser assim, Rosdolsky conclui que os *Grundrisse* “só podiam resvalar na categoria de juro, mesmo assim como um **desdobramento da investigação sobre o lucro e a taxa geral de lucro**” (grifo nosso). Nos manuscritos de 1861-1863 vê-se expressa essa condição com todas as letras, aponta Roman: “**À taxa geral de lucro corresponde, naturalmente, uma taxa geral de juro**” (grifo nosso).⁷⁶

Tendo assim descrito como o plano estrutural de 1857 previa o tratamento das categorias juro e crédito, o autor de *Gênese* passa, então, às observações que encontrou nos *Grundrisse* sobre o capital que recebe juros.

Segundo o nosso autor ucraniano, nos *Grundrisse*, Karl Marx somente pretende demonstrar “que o desenvolvimento do capital deve conduzir, de um lado, à **divisão da mais-valia em lucro industrial**⁷⁷ e **juro** e, de outro, à ‘**autonomização do juro em relação ao lucro**’” (grifo nosso). Ademais, é também na análise do “capital em geral”, posta inicialmente naqueles manuscritos, que encontra, “de forma embrionária”, assinala Rosdolsky, as definições primordiais a partir das quais pôde desenvolver a teoria do crédito.⁷⁸

Primeiramente, sempre ancorado em Marx, Roman Rosdolsky tece algumas importantes considerações históricas para contextualizar a categoria juro. É sabido que o capital-dinheiro, o juro, se desenvolve notadamente a partir da função do dinheiro como **meio de pagamento**⁷⁹. Como a circulação mercantil simples produz relações que exigem “uma separação cronológica entre a venda e a realização de seu preço [transformação da mercadoria em dinheiro, digo eu]”, é daí que surge a “relação de credor e devedor entre os proprietários de mercadorias”, ensina Marx. Esta relação, continua o filósofo alemão, embora constitua “a base natural do sistema de crédito”, já “pode estar completamente [e ‘espontaneamente’, intervém Rosdolsky⁸⁰] desenvolvida antes de este último [o sistema de crédito, digo eu] existir”.⁸¹ Não podemos desconsiderar que nas fases pré-capitalistas

75 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 322.

76 Idem, p. 321.

77 Perceba que Karl Marx escreve no contexto da [segunda revolução industrial](#), por isso se refere ao lucro como “lucro industrial”.

78 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 323 (Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

79 Conforme subitem C.2 do [Folheto nº 05](#).

80 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 575 Nota 17.

81 Os trechos reproduzidos por Rosdolsky da fala de Marx foram extraídos do Livro I d’*O capital* (Idem, p. 575 Nota 18)

também se emprestava e se tomava empréstimos a juros⁸². “Porém”, Marx ressalva, “conceder e tomar empréstimos de modo algum são sinônimos de crédito, assim como trabalhar não é sinônimo de trabalho industrial ou de trabalho assalariado livre. Como relação de produção desenvolvida, essencial, o crédito se apresenta historicamente na circulação baseada no capital ou no trabalho assalariado. [...] Embora em sua forma aburguesada, adaptada ao capital, a usura seja uma forma de crédito, em sua forma pré-burguesa ele é uma expressão da falta de crédito”.

Porém nos *Grundrisse*, conforme Roman Rosdolsky esclarece, o que interessa é o “papel social diferente que o capital a juros desempenha no capitalismo e nos estágios pré-capitalistas”. A indicação dessa diferença, Marx pontua, “constitui aqui tanto um desenvolvimento lógico como a chave para compreender o desenvolvimento histórico”.

Ainda sobre tal diferença de papel social, Rosdolsky reproduz a explicação contida no Livro III: o “capital que recebe juro – na medida em que constitui um elemento essencial do modo capitalista de produção – e o capital usurário se diferenciam [‘antes de mais nada, pelas’, intervém Rosdolsky] diversas condições sob as quais funcionam”. O primeiro é emprestado ao capitalista, pois, deste, ao receber o crédito, se espera que “[...] agirá como capitalista: com o capital emprestado, se apropriará de trabalho não pago [mais-trabalho, digo eu]. Ele recebe o crédito na condição de capitalista em potencial”. Já o segundo, o capital usurário, era emprestado “a pequenos produtores que estavam de posse das próprias condições de trabalho [meios de produção, digo eu]”, como os “artesãos”, e também os “camponeses”, bem como aos “nobres esbanjadores”, especialmente grandes proprietários de terra.⁸³

Lê-se nos *Grundrisse*, de acordo com Roman, que “[...] Na origem [‘ou seja, nos estágios pré-capitalistas, intervém Rosdolsky], o lucro é determinado pelo juro”.⁸⁴ Pois, sendo economias não baseadas na criação de valor e na busca por mais valor, ou mais-valia (não existindo ainda o trabalho assalariado moderno), mas sim baseadas no valor de uso, a magnitude do lucro do capital que é emprestado ao pequeno produtor rural ou artesanal é determinado apenas pelo juro⁸⁵.

82 “Os juros trazem consigo grandes polêmicas e discussões desde os tenros tempos, sendo que a sua cobrança razoável (ou seja, dentro dos limites legais aceitos por certa sociedade) ou excessiva (que deu origem ao conceito de *usura*) permeia as celeumas nas searas econômica e jurídica até os dias de hoje” (grifo nosso). Já no [Código de Hamurabi](#) (aproximadamente em 1 772 a.C) tem-se notícia de registros da proibição de juros excessivos, ou da usura (Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Usura>. Consultado em 28.08.2023).

83 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 323 e 324 c/c p. 575 Nota 21.

84 Idem, p. 324.

85 Oportuno registrar que Marx identifica na própria economia capitalista esta relação do pequeno produtor rural ou artesanal independente submetido ao capital usurário: “esta relação [...] se repete onde existem setores industriais pouco evoluídos ou naqueles que ainda tentam salvar-se da extinção ou da absorção no moderno modo de produção. Neles subsiste a exploração mais odiosa do trabalho, sem que aqui a relação entre o capital e o trabalho traga em si, de algum modo, a base do desenvolvimento de novas forças produtivas e o germe de formas históricas novas”. Ele prossegue: No modo de produção [nestas circunstâncias, digo eu], o capital ainda se apresenta subsumido materialmente nos trabalhadores individuais ou nas famílias de trabalhadores, seja na oficina artesanal ou na agricultura de pequena escala. Tem lugar uma exploração pelo capital sem o modo de produção do capital [...]. Esta forma de usura, na qual o capital não se apodera da produção – ou seja, é capital apenas

No modo de produção capitalista, o juro assim como o lucro “indicam relações do capital”.⁸⁶ E isso muda tudo. Na economia capitalista, onde, como sabemos, a extração contínua e crescente de mais-valia é o motivo condutor de todo o sistema, “o **juro é determinado pelo lucro**, é só uma parte dele. O lucro, portanto, deve ser suficientemente grande para que uma parte dele possa separar-se e existir como juro”.⁸⁷ Nesse sentido, “O crédito moderno pressupõe o pleno desenvolvimento da produção e da circulação da mercadoria”.⁸⁸

Portanto, na sociedade burguesa, de acordo ainda com os *Grundrisse*, o juro pressupõe “a divisão do lucro em juro e lucro”. Vejamos um exemplo fático da clareza dessa divisão: “quando uma classe de capitalistas proprietários de dinheiro [‘capitalistas monetários’, diz ele] se contrapõe a uma classe de capitalistas industriais”. Precisamente, “é só a divisão dos capitalistas em capitalistas monetários e capitalistas industriais que transforma uma parte do lucro em juro e cria realmente a categoria juro”.⁸⁹

Portanto, arremata o nosso filósofo alemão: a existência como duas classes particulares (os capitalistas monetários de um lado e os capitalistas industriais de outro), só se dá “porque o lucro pode dividir-se em dois tipos de rendimentos [juro e lucro, digo eu]”. A existência de ambas as classes, “pressupõe [assim, digo eu novamente] uma **divisão na mais-valia** criada pelo capital”.⁹⁰

Avançando, Roman Rosdolsky dispõe que a própria **valorização do capital** é a responsável pela possibilidade da divisão do lucro, ou seja, “da divisão interna da mais-valia” criada no processo de valorização do capital (ou seja, no processo de produção do capital). Ao se valorizar, isto é, quando o capital original, ou o dinheiro adiantado pelo capitalista no processo produtivo, se transforma em mais dinheiro (o segundo D (D₂ ou D’) da fórmula D-M-D (processo comprar para vender)⁹¹), o dinheiro adiantado, afirma Marx, recebe uma “nova determinação, passando a ser capital realizado”, convertendo-se em “forma fenomênica do capital”, ou seja, convertendo-se (transformando-se) em dinheiro. De forma objetiva, é certo que o capital realizado “existe apenas como dinheiro”, porém este dinheiro a mais (D₂ ou D’) “já é agora, em si, capital; como tal, *mando sobre novo trabalho*” (grifo do autor). Na forma D₂, “o capital já não estabelece relação apenas com o trabalho existente”, com o trabalho que o produziu e o valorizou, “mas sim com o trabalho futuro [...]”, com o trabalho vivo que contratará para dar início a

formalmente –, pressupõe a predominância de formas de produção pré-burguesas; não obstante, ela se reproduz dentro da economia burguesa, em esferas subordinadas” (Ibidem, p. 324 e 325). O que dizer dos empréstimos consignados com cobrança de juros em taxas discutíveis e, pior ainda, dos empréstimos a juros para beneficiários de programas assistenciais de renda, a exemplo do Programa Auxílio Brasil, como presenciamos recentemente.

86 Ibidem, p. 325.

87 Ibidem, p. 324.

88 Trecho extraído por Rosdolsky mais uma vez do Livro III (Ibidem, p. 324 c/c p. 575 Nota 21).

89 Ibidem, p. 575 Nota 30. Trecho extraído por Roman Rosdolsky do Livro III.

90 Ibidem, p. 325.

91 Conforme Capítulo 11 do [Folheto nº 7](#).

novo processo produtivo e assim sucessivamente.⁹²

Ocorre que, como poder de mando – como mando sobre novo trabalho –, a “existência material [do capital (D₂ ou D’), digo eu] como dinheiro é indiferente”. Sua existência como dinheiro “pode ser substituída por qualquer título”. O capital, nessa condição, já “revela sua propriedade de existir como valor separado de sua substância [o tempo de trabalho vivo existente que o forjou, digo eu]”. Com isso, diz Marx, “está lançada a **base** do crédito”.

Para o capitalista, prossegue o autor dos *Grundrisse*, acumular capital sob a forma de dinheiro “não é acumulação material de condições materiais de trabalho [meios de produção, digo eu], mas sim acumulação de títulos de mando sobre o trabalho futuro, títulos que colocam o trabalho futuro como trabalho assalariado, como valor de uso para o capital”, como valor de uso para produzir mais valor, ou, como queira, mais-valia. Dessa maneira, e só assim, se torna possível que “o próprio capital se torne mercadoria ou a mercadoria (dinheiro) seja vendida [via sistema de crédito, digo eu] como capital”.

Dessa maneira, chancela Rosdolsky, citando Marx, chega-se “à categoria do ‘**capital como mercadoria**’ ou do ‘**capital como dinheiro**’”, o que é “diferente do ‘dinheiro como capital’⁹³” (grifo nosso). De acordo com o escrito nos *Grundrisse*, naquele caso, “*o capital entra na circulação como capital [...] e se torna mercadoria*” (grifo nosso), mas não uma mercadoria como as outras. Diferentemente das demais mercadorias, o capital mercadoria, “ao contrário do capital industrial [ou capital produtivo, digo eu], [...] não está em relação direta com o trabalho, como sua antítese [...]”. Ele não é trocado na circulação por um equivalente. “Mesmo quando cai na mão de outro” ele mantém “[...] sua relação original com seu proprietário”. Apenas foi emprestado. Para o proprietário do capital como mercadoria ou como dinheiro, “seu valor de uso” é valorizar-se, sua utilidade é ser “dinheiro como dinheiro”, e “não [...] meio de circulação”, é ser “*valor de uso como capital*” (grifo nosso).⁹⁴

Mas, o que significa ser “valor de uso como capital”? Roman Rosdolsky vai novamente ao Livro III d’*O capital* em busca da resposta. Durante o empréstimo, o capitalista monetário aliena valor de uso do capital ao capitalista produtivo, ao tomador do dinheiro, por um determinado período. Assim fazendo, aliena por um tempo “o **valor de uso de o dinheiro poder transformar-se em capital, poder funcionar como capital, e que por conseguinte gera em seu movimento uma mais-valia determinada, o lucro médio [...], além de conservar sua magnitude original de valor** [ou seja,

92 ROSDOLSKY, Roman. Op. p. 325 (Idem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes). “[...] cada capitalista, no valor recém-adquirido, possui um mando sobre o trabalho futuro [‘alheio’, intervém Rosdolsky] e, mediante a apropriação do trabalho presente, se apropria ao mesmo tempo do trabalho futuro”, diz Marx na mesma passagem do parágrafo em Nota.

93 Desta forma do dinheiro estudamos no [Folheto nº 7](#), precisamente no já mencionado Capítulo 11: A transição para o capital (“A transformação do dinheiro em capital”).

94 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 325 e 326.

além de se conservar também se autovaloriza, digo eu]”. Em direção oposta, “No caso das mercadorias restantes [as demais mercadorias, digo eu], o valor de uso [a utilidade da mercadoria em satisfazer necessidades materiais, digo eu] se consome ao chegar às mãos do último possuidor; desaparece a substância da mercadoria e, com essa substância, [desaparece também, digo eu], o valor⁹⁵. A mercadoria capital, ao contrário, tem uma peculiaridade: seu valor e seu valor de uso não só se conservam, mas também se incrementam quando seu valor de uso é consumido”, ou seja, quando reingressa no processo produtivo, conservando valor e criando novo mais valor, ou mais-valia.⁹⁶

No modo de produção capitalista é possível que se “venda” o próprio dinheiro como capital, como uma mercadoria singular. Pois, como acabamos de ver, “uma dada soma de valor cria o poder [poder de mando, digo eu] de extrair uma dada mais-valia, mais-trabalho, mais-produto [...]”. Portanto, “Pode-se vender dinheiro para obter lucro. Se, com o dinheiro, entrego a outro a capacidade de se apropriar de mais-valia, é normal que eu receba parte dessa mais-valia”, em pagamento pelo dinheiro “vendido/emprestado”.⁹⁷

Até aqui, vimos no capítulo vinte e sete de *Gênese e estrutura de “O capital” de Karl Marx* que “a possibilidade de relações de crédito decorre da função do dinheiro como meio de pagamento”. Além disso, vimos também “que, no modo de produção capitalista, qualquer soma de dinheiro susceptível [sic] de ser investida como capital é um ‘mando sobre trabalho alheio’”. Há mais: “Sendo fonte potencial de lucro [originalmente para o tomador do crédito, digo eu], pode ser emprestada em troca de um juro”.⁹⁸

A par desse percurso do “capital de empréstimo” é possível, então, perceber que ele “depende do processo de circulação do capital”, em cuja esfera periodicamente se liberam “quantias em dinheiro de que a empresa tem condições de prescindir” e também de colocar “à disposição de outros capitalistas com a mediação do crédito”.⁹⁹

Como se percebe, Rosdolsky está se referindo à “**possibilidade do crédito**” (grifo nosso) e à sua origem na “‘natureza interna’ do modo de produção capitalista”. Portanto, a possibilidade do crédito está contida no “conceito” deste modo de produção, conclui. Todavia, o nosso pensador ucraniano observa que no movimento do capital,

95 Como já estudamos, a substância do valor de uma mercadoria é o tempo de trabalho abstrato socialmente necessário objetivado na mercadoria (tempo de trabalho abstrato). Sobre *mercadoria e valor*, reveja os fascículos nº [03](#), [04](#), [05](#) e também o [Folheto nº 06](#) deste artigo expositivo.

96 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 576 Nota 38.

97 Idem, p. 326. Embora tenhamos utilizado em vários momentos deste texto a expressão “vender” e termos derivados para tratar do movimento do capital mercadoria ou do capital como dinheiro, inclusive o próprio Marx a utiliza, fica evidente que não se trata da “venda” propriamente dita, da venda a rigor, pois ele mesmo repete em vários momentos que o capitalista monetário ao “vender” o capital como dinheiro, recebe de volta a quantia que transferiu, conservando sua propriedade, e, portanto, não a alienando definitivamente. Alias, o filósofo alemão dá até uma denominação específica para o que ocorre com o capital nessa circunstância: ele é “elevado à segunda potência, como capital, como dinheiro ou valor mercantil em expansão”. Os trechos do parágrafo em Nota e o aqui reproduzido foram extraídos por Roman Rosdolsky dos manuscritos de 1961-1963.

98 Ibidem, p. 327.

99 Ibidem, p. 327 e 328.

em seu trajeto, há elementos “que criam não só a possibilidade mas também a **necessidade do sistema de crédito**” (grifo nosso). E fazem mais, diz ele: esses elementos “fazem com que ele [o sistema de crédito, digo eu] apareça como uma *conditio sine qua non* da produção capitalista. Tal é, sobretudo, a compulsão à continuidade, ao fluxo ininterrupto do processo de produção”.¹⁰⁰

Um desses elementos é a própria **compulsão à continuidade sem interrupção do processo de produção**. E isso se explica facilmente, afirma Roman, citando Marx: é que somente na esfera da produção o capital cria mais-valia. Por isso, “a ‘continuidade ininterrupta’ deste processo aparece ‘como condição fundamental para a produção baseada no capital’”. Todavia, na sequência da fase de produção deve ter sequência uma fase da circulação do capital, “o que interrompe constantemente a continuidade da produção”.

Investigando o circuito do capital, Karl Marx percebeu que o capital se movimenta enfrentando uma contradição, uma contradição decorrente da sua própria natureza. Ao mesmo tempo em que o capital, para se conservar e se valorizar, precisa necessariamente da continuidade do processo de produção, para que tal conservação e valorização (na forma de mais-valia) se realize, se transforme em dinheiro, ele precisa ingressar na esfera da circulação. Ocorre que ao ingressar na circulação o processo da produção é interrompido. Tem-se aí uma contradição fundamental nas condições do capital. Como então eliminá-la e superá-la? Só há duas maneiras, ensina Karl Marx: com a **divisão do capital em partes** e com o **crédito**. Da divisão do capital em *capital fixo* e *circulante* tratamos no Folheto nº 11, para onde remetemos o leitor¹⁰¹.

Mas há outros elementos que igualmente criam a necessidade do crédito, e por isso são importantes. O primeiro a ser citado em *Gênese* é o **tempo de circulação** – “uma barreira à criação e realização do valor”. Ou como define Marx, “uma barreira específica que não surge da produção em geral, mas sim da produção do capital”. É daí que surge a “tendência do capital” em reduzir esse tempo de circulação, preferencialmente “reduzindo-o a zero”, acrescenta Rosdolsky, de modo que se realize uma “circulação sem tempo de circulação”, crava o filósofo alemão. Para Marx, esta tendência “é a razão fundamental do crédito e dos mecanismos creditícios do capital”¹⁰². Portanto,

100 Ibidem, p. 328 (Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

101 Conforme item B do [Folheto nº 11](#).

102 Chamando a atenção do leitor para a atualidade da análise marxiana de mais de um século atrás, oportuno trazer um pequeno trecho do que afirma o professor Marcos Dantas sobre o caminho percorrido pelo capital ao longo da história em seu movimento de busca permanente pela acumulação e valorização crescentes face ao tempo de circulação do capital: “No entanto, exatamente porque o capitalismo fez da informação, em definitivo, a sua fonte de valorização e produção de riquezas, exatamente por isto, agora sim [diante do denominado Capitalismo 4.0, digo eu], podemos dizer que o capitalismo atingiu a sua *etapa superior* na qual: i) os tempos de circulação monetária [a exemplo da utilização em massa do PIX, digo eu] e de comunicação da informação estão reduzidos aos limites de zero, graças às tecnologias digitais; ii) o tempo de circulação das mercadorias materiais está reduzido ao mínimo irreduzível, face às suas determinações físico-materiais, e, por isto mesmo, foi descolado do tempo de circulação monetária e de comunicação da informação; donde, iii) como o capital se valoriza na anulação do tempo, é nas atividades que se realizam num tempo no limite de zero que se encontram as fronteiras

em conformidade com a crítica marxiana da economia política, toda a teoria do crédito está contida na contradição entre o processo de produção e o processo de circulação do capital, de onde deriva a contradição entre tempo de trabalho e tempo de circulação.¹⁰³

Contudo, conforme Roman Rosdolsky, o tempo de circulação “não é o único obstáculo” com o qual colide o impulso de valorização do capital. Outro obstáculo importante encontra-se na “**esfera do intercâmbio**”, revela o autor ucraniano. Sabe-se, de um lado, que “o capital deve produzir sem levar em conta as limitadas dimensões do consumo em uma sociedade capitalista”, de outro, que na condição de valor, ele pressupõe a existência de um contravalor com o qual deve intercambiar-se”. Também no intercâmbio o crédito tem grande significação, pois atua para ampliar o mercado interno como também o externo. Inclusive, para o autor d’*O capital*, esta função do crédito é ainda “mais importante na relação entre povos que na relação entre indivíduos. Os ingleses, por exemplo, são forçados a emprestar a nações estrangeiras para convertê-las em seus clientes”.¹⁰⁴

De acordo com Rosdolsky, embora não apareça nos *Grundrisse*, Karl Marx identifica no Livro III mais um elementos indicativo da necessidade do crédito: “para **mediar o nivelamento da taxa de lucro** [...] na qual se baseia toda a produção capitalista”¹⁰⁵.

Portanto, o sistema de crédito “[...] – e com ele o comércio especulativo, a especulação desenfreada etc., que o acompanham – se baseia na necessidade alargar e ultrapassar os obstáculos à circulação e à esfera do intercâmbio”, escreve Marx. Por isso o crédito é “uma forma imanente do modo de produção capitalista, [‘sobre a qual’, intervém Rosdolsky] repousa todo o processo de reprodução [do capital, digo eu]”. Contudo, apesar do papel fundamental que desempenha na economia capitalista, não se deve superestimá-lo (o nosso autor ucraniano faz o alerta).¹⁰⁶

Tal qual o dinheiro moderno que, separando a compra e a venda (passando a intermediar essa relação de modo a superar o sistema de troca direta de mercadorias), “eliminou [e também, digo eu] generalizou os obstáculos ao comércio baseado na troca”; “[‘da mesma forma’, intervém Rosdolsky] o crédito suprime os obstáculos à valorização do capital e ao mesmo tempo os eleva à sua forma mais geral, criando períodos de superprodução e de subprodução”.¹⁰⁷

da acumulação e as novas frentes de desenvolvimento do capitalismo. Daí a ‘financeirização’ e ‘informacionalização’ do capitalismo” (in DANTAS, Marcos. **Informação e trabalho no capitalismo contemporâneo**. Lua Nova (60), 2003. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0102-64452003000300002>. Consultado em 28.08.2023).

103 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 328 e 329. Especificamente da categoria *tempo de circulação* tratamos no item A do [Folheto nº 11](#).

104 Idem, p. 329 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte).

105 Em *Gênese*, até por conta do esclarecimento feito no parágrafo em Nota, o autor não discorre sobre esta função do crédito com mediador do nivelamento da taxa de lucro.

106 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 329. No parágrafo em Nota reproduzimos as anotações de Rosdolsky também extraídas do Livro III, além dos *Grundrisse*.

107 Idem, p. 330 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte).

O nosso filósofo alemão prossegue. Ao mesmo tempo que a evolução do crédito contribui para acelerar “as fases específicas da circulação ou da metamorfose mercantil [transformação da mercadoria em dinheiro, digo eu]”, ao “acelerar o processo de reprodução em geral, [...] o crédito propicia a especulação, pois permite manter separados por mais tempo os atos de compra e venda”.

Nessa linha, vale replicar mais uma incursão de Roman Rosdolsky ao Livro III d’*O capital*: “Se o sistema de crédito aparece como principal alavanca da superprodução e da superespeculação comercial, isso só ocorre porque, neste caso, se força até o limite extremo o processo da reprodução, elástico por sua própria natureza. Ele é forçado porque grande parte do capital social [capital agregado da sociedade, digo eu] está empregado pelos não proprietários [dos meios de produção, ou seja, os capitalistas que atuam no processo produtivo propriamente dito, digo eu], que, em consequência, tocam as coisas de maneira totalmente diferente de como atua o proprietário que, quando age pessoalmente, avalia com cuidado os limites de seu capital privado”. Há mais: “Depreende-se daí que a valorização do capital, baseada no caráter antagônico da produção capitalista, só permite até certo ponto o livre e real desenvolvimento”. Na verdade, a valorização crescente e contínua do capital “é um obstáculo imanente à produção, constantemente ultrapassado pelo sistema de crédito”.¹⁰⁸

Ao acelerar “o desenvolvimento material das forças produtivas e o estabelecimento do mercado mundial [inclusive e principalmente, digo eu], cuja instauração até certo nível – como fundamentos materiais da nova forma de produção – constitui a missão histórica do modo capitalista de produção”, o sistema de crédito “acelera as violentas fraturas desta contradição, as crises, e com isso os elementos de dissolução do antigo modo de produção”.

Ora, o que Marx pretende com essa espécie de desalento aos “prestigiadores da circulação”, aos “ilusionistas da circulação”, que veem na aceleração da velocidade da circulação do capital algo mais que a redução dos obstáculos postos pelo próprio capital à sua reprodução nos níveis que deseja o mesmo capital? Simplesmente que o **sistema de crédito possui limites**.¹⁰⁹

Eles imaginam que “criando, na esfera do crédito, inovações capazes de anular o tempo de circulação, não só suprimiriam a interrupção do processo produtivo requerida pela transformação do produto acabado em capital, mas tornariam supérfluo o próprio capital pelo qual se intercambia o capital produtivo; querem produzir sobre a base do valor de troca [sobre a base da produção voltada pura e simplesmente para o mercado, para valorizar crescente e continuamente o valor (o capital), digo eu] e ao mesmo tempo suprimir, exorcizar, as condições necessárias da produção que repousa sobre esta base”.

Não levam em conta que o “máximo que o crédito pode fazer quanto a isso [...] é salvaguardar a continuidade do processo produtivo **sempre e quando** existam

¹⁰⁸ Ibidem, p. 577 Nota 63 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte).

¹⁰⁹ Ibidem, p. 330.

todas as demais condições para essa continuidade, ou seja, sempre que exista realmente o capital pelo qual se deve intercambiar etc.” (grifo nosso).

Conforme ainda os *Grundrisse*, o crédito constitui a forma “na qual o capital procura colocar-se como algo diferente dos capitais individuais¹¹⁰”. Forma “na qual o caráter social da produção capitalista encontra sua mais clara expressão”, observa Roman Rosdolsky.

Na avaliação de Karl Marx, os grandes resultados que o capital produz sob a forma de crédito são: de um lado, “o capital fictício¹¹¹”; de outro, “o crédito [que, digo eu] se apresenta como um novo elemento da concentração, da aniquilação dos capitais em capitais individuais centralizados¹¹²”.¹¹³

Se a supressão da aparente autonomia e da existência autônoma dos capitais individuais se apresentam com bem mais nitidez no crédito, “a forma mais extrema em que ocorre a supressão [...] é o capital por ações¹¹⁴”,

110 Aprendemos ao longo deste Artigo Expositivo I que, em Marx, capital não uma coisa em si mesma, é uma relação social entre pessoas que se estabelece a partir da propriedade privada dos meios de produção. Nessa linha, o capital individual é aquele que pertence a um indivíduo ou empresa específica, não sendo compartilhado com os demais indivíduos ou empresas. A apropriação dos meios de produção pela classe burguesa permitiu que os agora proprietários dos meios de produção acumulassem capital individualmente, em vez de compartilhá-lo com outros membros da sociedade. Porém, a acumulação de capital individual é limitada pela concorrência entre os diversos capitais. Desse problema, como já esclarecido, Marx não tratou nos *Grundrisse*, mas sim Livro III da sua obra maior e definitiva (Disponível em <https://cafecomsociologia.com/o-que-e-capital-para-marx/>. Consultado em 28.08.2023).

111 *Capital fictício* é uma forma de capital desenvolvida historicamente com a financeirização da economia, assumindo grande importância no capitalismo contemporâneo. De acordo com o economista Victor Meyer, “a denominação de capital fictício vem de Marx, que distinguiu o capital de empréstimo (aquele que se amplia com uma parte do lucro obtido pelo capital produtivo) dessa outra forma de capital financeiro, cuja valorização se dá por conta de expectativas, sem vínculos diretos com a produção. Embora o capital fictício acompanhe a evolução do capitalismo desde os seus primórdios, a particularidade do seu comportamento no mundo de hoje está no seu dinamismo, no seu peso específico dentro do capital financeiro em geral e na sua capacidade de penetrar em todas as esferas da economia. Os principais condutores do capital fictício são os títulos de dívida pública, os títulos de dívida de qualquer natureza, as ações negociadas nas bolsas e a própria moeda de crédito emitida pelos bancos – sem um lastro nos depósitos respectivos. Efetivamente, especialistas em finanças internacionais assinalam em destaque o fato de que a oferta de crédito colocado à disposição dos tomadores, a nível mundial, aumenta mais rapidamente que os depósitos captados pelo correspondente sistema bancário. Esse é, na verdade, um fato altamente significativo quanto à natureza atual do crédito internacionalizado. É uma manifestação do poder emissor dos bancos internacionais, uma demonstração da sua capacidade de criar moeda. Nesse contexto os bancos se firmam, seja por meio do interbancário ou através do seu envolvimento com a chamada indústria de fundos, com as transações à base de títulos (*securitization*), como um dos mais eficientes focos de difusão do capital fictício” (in MEYER, Victor. **A dominação do capital fictício**. Gazeta Mercantil, 1998. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/meyer/1998/01/08.pdf#:~:text=Ressalve-se%20que%20a%20denomina%C3%A7%C3%A3o%20de%20capital%20fict%C3%ADcio%20vem,de%20expectativas%2C%20sem%20v%C3%ADnculos%20diretos%20com%20a%20produ%C3%A7%C3%A3o>. Consultado em 28.08.2023).

112 *A centralização de capitais individuais*, ou *capitais individuais centralizados*, “é o processo de junção de diversos capitais em um só, em que as unidades perdem a autonomia em favor da transformação de capitais pequenos em grandes capitais”. Exemplos: fusão de duas empresas em uma só e aquisição de uma empresa por outra. Esse tipo de capital não se confunde com *capital por ações*, como veremos em outra Nota (in MACIEL, Jéssica e outros. **O setor bancário brasileiro: Centralização de capitais e alterações na composição orgânica do capital**. Novos estudos. CEBRAP 40 (1), 2021. Disponível em <https://doi.org/10.25091/s01013300202100010006>. Consultado em 28.08.2023).

113 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 330 e 331.

114 Grosso modo, *capital por ações* é uma forma de financiamento de uma empresa por meio de venda de ações (valores mobiliários que concedem ao adquirente desses valores o direito de participação societária na empresa, já

para Marx “a forma mais adequada” do capital.¹¹⁵

Nada mais atual. Recordemos a crise mundial de 2008 e seus desdobramentos que perduram até os dias de hoje, especialmente no países de capitalismo periférico.

Como afirma Roman Rosdolsky, já nos *Grundrisse* Marx conseguiu prever “a passagem do capitalismo competitivo para o capitalismo monopolista”. Mas essas questões que envolvem a concorrência e diversos capitais ultrapassam e muito a investigação marxiana empreendida nos manuscritos de 1857/1858 acerca do “capital em geral”. Neste esquadro o filósofo alemão ainda não podia examinar as categorias capital fictício, capital por ações, capitais individuais centralizados, bem assim o papel do crédito no nivelamento das taxas de juros, entre outros aspectos.¹¹⁶

Nos *Grundrisse*, essas e outras questões são tratadas de “forma embrionária”, na medida, como constata Roman, “em que surjam da análise abstrata e geral do processo capitalista de produção e circulação”.¹¹⁷

Por fim, com os três capítulos abordados, Roman Rosdolsky chega à última seção dos *Grundrisse*. No entanto, o nosso trabalho acerca do seu livro *Gênese e estrutura de O capital* não termina aqui. Nos fascículos seguintes, abordaremos, ainda, a parte final da sua obra que conta com uma conclusão e vários ensaios críticos da análise de importantes estudiosos da crítica marxiana da economia política, marxistas e não marxistas. Mas antes, no próximo folheto, ainda nos ocupando de um dos assuntos da Parte V de *Gênese*, vamos conhecer a explanação de Rosdolsky relativa à crítica proferida por alguns economistas da sua época à lei marxiana da queda da taxa de lucro.

que consistem em pequenas frações do capital social para levantar capital). Os acionistas que compram essas ações se tornam proprietários parciais da empresa e têm direito a uma parte dos lucros e até voto nas decisões da empresa.

115 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 578 Nota 70.

116 Idem, p. 331 c/c p. 578 Nota 70 e 71.

117 Ibidem, p. 331.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA URSS – INSTITUTO DE ECONOMIA. **Manual de Economia Política**. Rio de Janeiro-RJ: Editorial Vitória Ltda, 1961. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/ostrovitianov/1959/manual/>.

ACOSTA, Emerson Trindade e RUPPENTHAL, Melani. **Uberização do trabalho**. Porto Alegre- RS: Jornal da Universidade (UFRGS), Edição 225, 2019. Disponível em <https://www.ufrgs.br/jornal/uberizacao-do-trabalho/>.

ALBUQUERQUE, Eduardo da Motta e. **Darimon, bancos e crédito: Notas sobre os Grundrisse e a transição para o socialismo**. Belo Horizonte-MG: Texto para discussão nº 353. Cedeplar/UFMG. 2009. Disponível em <http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20353.pdf>.

ALVES, Álvaro Marcel. **O método materialista histórico dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade**. Revista de Psicologia da UNESP 9(1), 2010. Disponível em <https://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/download/422/400>.

ALVES, Giovanni. **A condição de proletariado na modernidade salarial – Por uma analítica existencial do proletariado**. São Paulo-SP: Revista Pegada – vol. 9 n.2 1, 2008. Disponível em <https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/1672>.

ANTUNES, Jadir. **A dialética do valor em O capital de Karl Marx**. Disponível em <http://www.fevistaseletronicas.pucrs.br/fojs/fojindex.php?intuitio%2Farticle%2Fdownload%2F9664%2F8478%2F&usg=AOvVaw051UXferYxYQBfqZb->.

ANTUNES, Ricardo. **200 anos de Engels – A constituição do proletariado e sua práxis revolucionária**(vídeo). TV Boitempo Editora – Rio de Janeiro (RJ), 2020. Disponível em <https://youtu.be/YyJBHqnxRM0>.

ARCARY, Valério. **Seria o marxismo um cientificismo economicista? Anotações sobre a hipótese da inversão das causalidades**. Edição v. 8, nº1, 2004. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/38029>.

ARRUDA, Marcos. **Nota sobre a polêmica em torno da democracia e da ditadura do proletariado**. Disponível em <https://www.tni.org/es/art%C3%ADculo/nota-sobre-a-polemica-em-torno-da-democracia-e-da-ditadura-do-proletariado>.

AUGUSTO, André Guimarães. **Marx e as “robinsonadas” da Economia Política**. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/neco/v26n1/1980-5381-neco-26-01-00301.pdf.a>

BAKALARCZYK, Charles. **Existo, logo penso! (ou se Marx foi um filósofo)**. Disponível em <https://charlesbaka.blog/2020/04/16/existo-logo-penso-ou-se-marx-foi-um-filosofo/>.

BARROS, Cesar Mangolin de. **O conceito de modo de produção**. Disponível em https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/934137/mod_resource/content/1/elementos%20b%C3%A1sicos0_MODO_DE_PRODU%C3%87%C3%83O.pdf.

BARSOITI, Paulo. **Dossiê artigos do jornalista Karl Marx sobre a crise de 1857-1858**. Disponível em <http://www4.pucsp.br/neils/downloads/10-barsotti.pdf>.

BATISTA, Paulo Cabaça. **O Socialismo de Pierre-Joseph Proudhon e a sua influência em Oliveira Martins e Antero de Quental**. Disponível em <https://cabacabaptista.blogspot.com/2012/12/o-socialismo-de-pierre-joseph-proudhon.html>.

BEER, Marx. **História do Socialismo e das Lutas Sociais Quarta Parte: As Lutas Sociais na Época Contemporânea. Capítulo X – A segunda Internacional (1889-1914)**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/beer/ano/historia/p4cap10.htm>.

BELLUZZO, Luiz Gonzaga. **A escassez na abundância capitalista** (videopalestra). Campinas-SP: Instituto de Economia da Unicamp. 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/embed/7JKKYYhCxt8?start=191>.

BENOIT, Hector. **Resenha de “Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx”**. Revista Outubro nº 07.

Disponível em <http://longoestudo.blogspot.com/2012/09/resenha-de-genese-e-estrutura-de-o.html>.

BEZERRA, Juliana. **Marxismo**. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/marxismo/>.

_____. **Fases do Capitalismo**. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/fases-do-capitalismo/>.

BHARADWAJ, K. (1990). **Economia vulgar**. In: Eatwell, J., Milgate, M., Newman, P. (orgs) *Marxian Economics*. O Novo Palgrave. Palgrave Macmillan, Londres. Disponível em https://doi.org/10.1007/978-1-349-20572-1_59.

BIANCHI, Álvaro. **Uma teoria marxista do político? O debate Bobbio "Trent'Anni Doppo"**. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ln/n70/a04n70.pdf>.

BUONICORE, Augusto César. **Assalariados urbanos: proletariado ou nova classe média?** São Paulo-SP: Revista Princípio, Edição 54, 2002. Disponível em <http://revistaprincipios.com.br/artigos/64/cat/1273/assalariados-urbanos-proletariado-ou-nova-classe-média-.html>.

CABRAL, João Francisco P. **Sobre o Estado - Filosofia do Direito de Hegel**. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/sobre-estado-filosofia-direito-hegel.htm>.

CANAL TV BOITEMPO. **Uma biografia marxista de Marx** (entrevista com o professor marxista José Paulo Netto). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZreLdC4hkLI>.

CANON, Ramsin. **O que significa ser marxista hoje?** Revista Jacobin Brasil, 2019. Disponível em <https://jacobin.com.br/2019/10/o-que-significa-ser-marxista-hoje/>.

CARCANHOLO, Marcelo Dias. **A importância da categoria valor de uso na teoria de Marx**. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/rpe/article/view%20File/11757/8478>.

CARCANHOLO, Reinaldo A. **Sobre Gênese e estrutura de "O capital" de Karl Marx, de Roman Rosdolsky**. Disponível em <https://pt.calameo.com/read/00014074925811e4f526d>.

CARVALHO, Edmilson. **A totalidade como categoria central da dialética marxista**. Revista Outubro, nº 15, 2007, disponível em <http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%C3%A7%C3%A3o-15-Artigo-06.pdf>.

CASTRO, Ramon Peña de. **Trabalho abstrato e trabalho concreto**. Disponível em <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/traabstracon.html>.

CERQUEIRA, Hugo Eduardo da Gama. **David Riazanov e a Edição das Obras de Marx e Engels**. Disponível em http://www.anpec.org.br/revista/vol11/vol11n1p199_215.pdf.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio e NEDER, Gizlene. **Resenha da obra de Karl Marx "A burguesia e a contrarrevolução"**. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/3373/337349577010.pdf>.

CIPOLLA, Francisco Paulo. **A evolução da teoria da crise de superprodução na obra econômica de Marx**. Campinas-SP: Revista Crítica Marxista, nº 37, 2013, p. 75. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo298Artigo4.pdf.

COGGIOLA, Osvaldo. **Engels, O Segundo Violino**. São Paulo-SP: Editora Xamã, 1995.

_____. **Vida e polêmicas de Rosa Luxemburgo – um roteiro**. Disponível em <https://outraspalavras.net/outrasmidias/vida-e-polemicas-de-rosa-luxemburgo-um-roteiro/>.

COHEN, Gerald A. **Forças produtivas e relações de produção**. Campinas-SP: Crítica Marxista, Unicamp, 2010, p.65. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie46Dossie2.pdf.

CURADO, Adriano. **Capitalismo Industrial – o que é, história, conceitos básicos e características**. Disponível em <https://conhecimentocientifico.r7.com/capitalismo-industrial/>.

DANTAS, Marcos. **Informação e trabalho no capitalismo contemporâneo**. Lua Nova (60), 2003. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0102-64452003000300002>.

DA SILVA, Jefferson Luiz Schafranski. **O conceito de alienação em Ludwig Feuerbach**. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000220150>.

_____. e FELDHAUS, Charles. **O conceito de essência humana a partir da concepção antropológica de Ludwig Feuerbach**. Disponível em

https://www.researchgate.net/publication/330209317_O_CONCEITO_DE_ESSENCIA_HUMANA_A_PARTIR_DA_CONCEPCAO_ANTROPOLÓGICA_DE_LUDWIG_FEUERBACH.

DENVIR, Daniel. **Por que O Capital de Marx ainda importa** (entrevista com David Harvey). Disponível em <https://movimentorevista.com.br/2018/11/por-que-o-capital-de-marx-ainda-importa/>.

DIEHL, Diego. **Marx além de Hegel – Uma interpretação a partir da Filosofia da Libertação**. Rio de Janeiro – RJ: Rev. Direito Práx., vol.9 no.3, 2018. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2179-89662018000301812&script=sci_abstract&tlng=pt.

DONÁRIO, Arlindo Alegre, e SANTOS, Ricardo Borges dos. **A Teoria de Karl Marx**. Universidade Autónoma de Lisboa. CARS – Centro de Análise Económica de Regulação social. Disponível em <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:wxy7wUNt5F0J:https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/3173/1/MARX.pdf+&cd=24&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-b-d>.

DOWBOR, Ladislau. **O que é capital**. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B8FTIPd5X-jmOGNhMjhmMmYtMDBhNS00ODNiLTk3MGEtZmE0Y2Y5YWwNTY1/view?hl=pt_PT.

DUAYER, Mário. **Grundrisse| Aula 6| III Curso Livre Marx-Engels**. Videoaula. TV Boitempo Editorial, Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região e Centro de Pesquisas 28 de Agosto. São Paulo-SP. 2012. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jmrnEoaq70>.

_____. **Marx e a crítica ontológica da sociedade capitalista: crítica à centralidade do trabalho**. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/viewFile/3880/2723>.

DUSSEL, Enrique. **A produção teórica de Marx: Um comentário aos Grundrisse**. São Paulo-SP: Editora Expressão Popular, 2012, p. 67. Disponível em https://enriquedussel.com/txt/Textos_Libros/37.A_Producao_Teorica_Marx.pdf.

ENGELS, Friedrich. **Anti-Dühring. Parte II - Economia Política Capítulo VII - Capital e Mais-Valia**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1877/antiduhring/cap21.htm>.

_____. **Carta para Joseph Bloch**. Disponível em http://www.scientific-socialism.de/Fundamentos_Cartas_Marx_Engels210990.htm#ftnref2.

_____. **Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1880/socialismo/cap03.htm>.

FELDMANN, Daniel. **A crise contemporânea do capitalismo: reflexões a partir de um debate com as abordagens sistêmicas de Arrighi, Fiori e Wallerstein**. Artigos originais. Econ. soc. 28 (2), 2019. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1982-3533.2019v28n2art03>.

FIORI, José Luís. **O capitalismo americano**. Disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Coluna/O-capitalismo-americano/26661>.

FONTES, Virgínia; COUTINHO, Carlos Nelson e NETTO, José Paulo. **Introdução à leitura dos Grundrisse** (videopalestra). Rio de Janeiro-RJ: Editora UERJ, 2011. Disponível em <https://youtu.be/Xhds6tHvb08?t=2056>.

_____. **200 anos de Engels – A criação do Marxismo** (vídeo).TV Boitempo Editora Rio de Janeiro (RJ), 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ELW99uIWxvo>.

FRAZÃO, Diva. **Karl Marx, filósofo e revolucionário**. Disponível em https://www.ebiografia.com/karl_marx/.

GENNARI, Adilson Marques. **Duas teorias da população no pensamento clássico: Karl Marx e Thomas Malthus**. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2009/trabalhos/duas-teorias-da-populacao-no-pensamento-classico-karl-marx.pdf.

GEORGE, Ricardo. **Estado e Sociedade Civil em Hegel**. Disponível em <https://pt.slideshare.net/ricardogeo11/estado-e-sociedade-civil-em-hegel>.

GOIS, Juliana Carla da Silva. **A Gênese da pauperização da classe trabalhadora na sociedade capitalista**. Disponível em https://seminarioservicosocial.paginas.ufsc.br/files/2017/04/Eixo_1_250_3.pdf.

GOMES, Carlos. **Antecedentes do capitalismo**. Disponível em <https://www.eumed.net/libros->

_____. **Rosdolsky: Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx.** (vídeo). Série Sugerindo Livros. Canal Orientação Marxista. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QGvNePeLIYQ>.

_____. **Sobre a possibilidade de uma revolução russa nos escritos de Marx.** Revista Verinotio, v. 23 n. 1, 2017. Disponível em <http://www.verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/313/301>.

MACIEL, Jéssica e outros. **O setor bancário brasileiro: Centralização de capitais e alterações na composição orgânica do capital.** Novos estudos. CEBRAP 40 (1), 2021. Disponível em <https://doi.org/10.25091/s01013300202100010006>.

MARIMBONDO, Santiago. **"O capital em geral" e os "múltiplos capitais" / Debate com Michael Heinrich a partir de Roman Rosdolsky.** Site Quilombo Spartacus, 2020. Disponível em <https://quilombospartacus.wordpress.com/2019/09/01/o-capital-em-geral-e-os-multiplos-capitais-debate-com-michael-heinrich-a-partir-de-roman-rostdolsky-2/>.

MARX, Karl Heinrich. **As lutas de classes na França.** Disponível em <http://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/marx-e-engels/as-lutas-de-classes-na-franca.pdf>. em

_____. **Contribuição crítica da Filosofia do Direito de Hegel.** Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1844/critica/introducao.htm>. em

_____. **Grundrisse.** Rio de Janeiro-RJ: Boitempo Editorial, 2011.

____e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista.** São Paulo-SP: Editora Martin Claret, Coleção A Obra Prima de Cada Autor, 2000.

_____. **O capital: crítica da economia política. Livro I – O processo de produção do capital.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2ª. Edição, 2017.

_____. **O capital: crítica da economia política. Livro II – O processo de circulação do capital.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2014.

_____. **O capital: crítica da economia política. Livro III – O processo global da produção capitalista.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2017.

_____. **O capital: crítica da economia política. Livro IV. Teorias da mais-valia: História crítica do pensamento econômico.** Rio de Janeiro-RJ: Editora Bertrand Brasil S/A, 2ª. Edição, Volume I, 1987.

_____. **Para a Crítica da Economia Política.** São Paulo-SP: Abril Cultural, Os Economistas, 1982.

_____. **Reflexões de um jovem sobre a escolha de uma profissão.** Disponível em <https://www.docdroid.net/WSkQhrZ/reflexoes-de-um-jovem-sobre-a-escolha-de-uma-profissao-pdf>. em

_____. **Teses sobre Feuerbach.** HTML por Jorn Andersen para Marxists' Internet Archive, 25.7.00. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm>.

MAYER, Gustav. **Friedrich Engels: Uma biografia.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2020.

MEHRING, Franz. **Karl Marx. A História de Sua Vida.** São Paulo-SP. Editora José Luís e Rosa Sundermann, 2013.

MEYER, Victor. **A dominação do capital fictício.** Gazeta Mercantil, 1998. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/meyer/1998/01/08.pdf#:~:text=Ressalve-se%20que%20a%20denomina%C3%A7%C3%A3o%20de%20capital%20fict%C3%ADcio%20vem,de%20expectativas%2C%20sem%20v%C3%ADnculos%20diretos%20com%20a%20produ%C3%A7%C3%A3o>.

MIGLIOLI, Jorge. **Dominação burguesa nas sociedades modernas.** Crítica Marxista. Campinas-SP. Unicamp. 2010. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo205Artigo1.pdf. em

MIRANDA, Marloren Lopes. **Filosofia, Saber Absoluto e Ciência: da Fenomenologia do Espírito à Ciência da Lógica.** Disponível em <https://opiniaofilosofica.org/index.php/opiniaofilosofica/article/view/546/490>. em

MOURA, Alessandro de. **A ruptura de Marx com Hegel: Crítica da filosofia do direito de Hegel.** Disponível em <https://www.esquerdadiario.com.br/A-ruptura-de-Marx-com-Hegel-Critica-da-filosofia-do-direito-de-Hegel>.

MUSTO, Marcello. **O Encontro de Marx com a Economia Política.** Disponível em

<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/O-Encontro-de-Marx-com-a-Economia-Politica/4/40043>.

NASCIMENTO, Adriano. **Bobbio e a teoria marxista do Estado**. Disponível em <http://periodicos2.uesb.br/index.php/ccsa/article/view/1929>.

NETTO, José Paulo e BRAZ, Marcelo. **Economia Política: uma introdução crítica**. Capítulo 3 – Produção de mercadorias e modo de produção. Itens 3.1.-3.2.-3.5. São Paulo-SP: Cortez Editora, Volume 1, 2021. Disponível em <https://zoboko.com/text/y530je2v/economia-politica-uma-introducao-critica/1>.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao método da teoria social**. Disponível em <https://www.pcb.org.br/portal/docs/int-metodo-teoria-social.html>.

_____. **Introdução ao método de Marx (primeira parte)**. Videoaula. Pós-graduação em Serviço Social, Universidade de Brasília (UnB), 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2WndNoqRiq8&t=7s>.

_____. **Introdução ao método de Marx (segunda parte)**. Videoaula. Pós-graduação em Serviço Social, Universidade de Brasília (UnB), 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Dl3Yocu-1oI>.

_____. **Karl Marx. Uma biografia**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, E-Book, 2020. Disponível em <https://books.google.com.br/books?id=22gHEAAQBAJ&pg=PT428&dq=b%C3%B4nus-hora+de+darimon&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwi13fXEuKTvAhWOILkGHcxnAcoQuwUwAXoECAIQBw#v=onepage&q=b%C3%B4nus-hora%20de%20darimon&f=false>.

_____. **Marx: dialética para principiantes**. Dia M 2022. Canal TV Boitempo Editorial, 2022. Disponível em <https://youtu.be/ywZQnMnGejk>.

_____. **200 anos de Engels –A relevância e atualidade do pensamento de Engels** (vídeo). TV Boitempo Editora – Rio de Janeiro (RJ), 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=joSyGnijlHg>.

OLIVEIRA, Pedro de. **Karl Marx e seus artigos para o New York Daily Tribune**. Disponível em <http://revistaprincipios.com.br/artigos/152/internacional/3259/karl-marx-e-seus-artigos-para-o-new-york-daily-tribune.html>.

OLIVEIRA JÚNIOR, José Ribamar dos Santos. **O conflito: Marx e o materialismo contemplativo**. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4695/3829>.

PALUDETTO, Alex Wilhans Antonio e ROSSI, Pedro. **O capital fictício: revisitando uma controvérsia**. Instituto de Economia da Unicamp-SP, 2018. Disponível em <https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/3659/TD347.pdf>.

PAULANI, Leda Maria. **O dinheiro e o capital portador de juros em Marx**. Videoaula. Canal Coletivo Arroz Feijão e Economia. Disponível em https://youtu.be/kx0_JwZs5gs.

_____. **Teoria do Valor. Curso O capital de Marx. Curso Livre Marx e Engels**. Videoaula 2. TV Boitempo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=T9x0gFHuON4&t=1221s>.

PECK, Raoul. **O jovem Karl Marx** (filme). Disponível em <https://youtu.be/IX2TDt7kiCM>.

PEIXOTO, Joana. **Artigo Tecnologias e relações pedagógicas: a questão da mediação**. Cuiabá-MT: Revista Educação Pública, v. 25, nr. 591/1, 2016. Disponível em [Date=20230522T222422Z&X-Amz-SignedHeaders=host&X-Amz-Expires=600&X-Amz-Signature=0a66dff2c4bf1f045789b0878d33e7043729bae67591e46b3a6a4b29ee3dffa3](https://www.repositorio.ufpa.br/bitstream/handle/2011-8/10000/1/Artigo%20Tecnologias%20e%20rela%C3%A7%C3%B5es%20pedag%C3%B3gicas%20a%20quest%C3%A3o%20da%20media%C3%A7%C3%A3o.pdf?sequence=1).

PESSOA, Gisele. **Conceito de pessoa: na trajetória filosófica e jurídica** (Artigo). Disponível em <https://jus.com.br/artigos/47003/conceito-de-pessoa-na-trajetoria-filosofia-e-juridica>.

PETERSON, John. **Zinoviev e a degeneração stalinista da Comintern**. Disponível em <https://www.marxismo.org.br/zinoviev-e-a-degeneracao-stalinista-da-comintern/>.

PETO, Lucas Carvalho e VERÍSSIMO, Danilo Saretta. **Natureza e processo de trabalho em Marx**. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822018000100248#:~:text=Logo%2C%20pode%2Dse%20afirmar%20que,se%20incorporou%20a%20seu%20objeto.

PIRES, Marília Freitas de Campos. **O materialismo histórico-dialético e a Educação**. Interface - Comunicação, Saúde, Educação. UNESP, v. 1, n. 1, 1997. Disponível em <http://hdl.handle.net/11449/30353>.

PIRES, Rogério Brittes W. **Fetichismo religioso, fetichismo da mercadoria, fetichismo sexual: transposições e conexões.** Revista de Antropologia. São Paulo-SP, 2014, v. 57, nº 01. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/ra/article/download/87763/90692/0>.

POCHMANN, Márcio. **As crises do capitalismo.** Introdução a David Harvey – Aula #2. TV Boitempo Editorial, 2021. Disponível em <https://youtu.be/EzsytOBnIrk>.

QUINTEIRO, Thiago. **A consciência em Hegel, a pós-modernidade e a esquerda alienante.** Disponível em <https://www.pocosja.com.br/2019/07/19/a-consciencia-em-hegel-a-pos-modernidade-e-a-esquerda-alienante/>.

RAMOS, Ary. **O Estado está se transformando em orientador da precarização do trabalho.** Entrevista com Ludmilla Costhek Abílio. Disponível em <https://www.aryramos.pro.br/o-estado-esta-se-transformando-em-orientador-da-precizacao-do-trabalho-entrevista-com-ludmilla-costhek-abilio/>.

REDYSON, Deyve. **Ludwig Feuerbach e o Jovem Marx: A Religião e o Materialismo Antropológico Dialético.** Disponível em <http://www.periodicos.ufc.br/argumentos/article/view/18979>. Fortaleza-CE: Argumentos. Revista de Filosofia, 2011.

RIEDEL, Manfred. **Dialética nas instituições. Sobre a estrutura histórica e sistemática da filosofia do direito de Hegel** (tradução de Selvino José Assmann). Disponível em http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Artigos/dialetica_hegel.pdf.

ROSDOLSKY, Roman. **Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx.** Rio de Janeiro-RJ: Contraponto Editora. 2001.

ROSSI, Rafael. **Teses ad Feuerbach e a educação.** Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732019000200085.

RUTKOSKI, Márcio Moraes. **O Papel das Crises para a Teoria de Marx sobre a Derrocada do Capitalismo.** Dissertação (Mestrado em Economia). Florianópolis-SC: Programa de Pós-Graduação em Economia (PPGE), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2004, Capítulo 4, item 4.1 (Disponível em <https://1library.org/document/yrov09jy-papel-cries-para-teoria-marx-sobre-derrocada-capitalismo.html>).

SAES, Flávio Azevedo Marques e SAES, Alexandre Macchione. **História Econômica Geral.** Item 3.3. São Paulo-SP: Editora Saraiva, 2013.

SANTIAGO, Emerson. **O Capital.** Disponível em <https://www.infoescola.com/livros/o-capital/>.

_____. **Socialismo Científico.** Disponível em <https://www.infoescola.com/politica/socialismo-cientifico/>.

SANTOS, Roberval de Jesus Leone dos. **Marx, Proudhon e Darimon: diálogos sobre o dinheiro.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, Revista Crítica Marxista, 2001. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/03rober.pdf.

SARTORI, Vitor Bartoletti. **De Hegel a Marx: da inflexão ontológica à antítese direta.** Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2014000200014.

SECCO, Lincoln. **Quem tem medo de Karl Marx?** Revista Jacobin Brasil, 2019. Disponível em <https://jacobin.com.br/2019/11/quem-tem-medo-de-karl-marx/>.

SEGAL, L. **O Desenvolvimento Econômico da Sociedade.** Introdução ao Estudo do Marxismo. Rio de Janeiro-RJ: Editora Calvino Ltda. 1945. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/tematica/livros/estudo/segal/04.htm>.

SILVA, Giliad de Souza. **O que são os esquemas de reprodução de Karl Marx.** Uberlândia-MG: Instituto de Economia e Relações Internacionais – Universidade Federal de Uberlândia, Economia e Ensaios, número 37, 2022, p. 55 (Disponível em https://www.researchgate.net/publication/358279817_O_que_sao_os_esquemas_de_reproducao_de_Karl_Marx_What_are_the_reproduction_schemes_of_Karl_Marx).

SIQUEIRA, Juliano. **Ludwig Feuerbach e o materialismo antropológico (ou o crepúsculo da antropologia filosofia).** Rio de Janeiro-RJ: Jornal Inverta, Edição 492, 2017. Disponível em

<https://inverta.org/jornal/@@search?SearchableText=Ludwig+Feuerbach+e+o+materialismo+antropologia>

SITE ALGO SOBRE. **Materialismo**. Disponível em <https://www.algosobre.com.br/sociofilosofia/materialismo.html>.

SITE BING. **Devir**. Disponível em <https://www.bing.com/search?q=devir&cvid=20d4ac9bda814c08968e70a030a5422b&aqs=edge.0.0l8j69i60.1510j0j1&pqlt=515&FORM=ANNTA1&PC=LCTS&ntref=1>.

SITE BLOG PURA ECONOMIA. **Joan Robinson (1903-1983)**. Disponível em <https://puraeconomia.blogspot.com/2005/03/joan-robinson-1903-1983.html>.

SITE BRASIL ESCOLA. **Trabalho escravo contemporâneo**. Disponível em <https://brasilescuela.uol.com.br/sociologia/escravidaos-nos-dias-de-hoje.htm>.

SITE CAFÉ COM SOCIOLOGIA. **O que é capital para Marx**. Disponível em <https://cafecomsociologia.com/o-que-e-capital-para-marx/>.

SITE CONCEITO DE. **Laboriosidade**. Disponível em <https://www.conceito.de/definicao/laboriosidade>.

SITE CONCEITOS. **Apropriação**. Disponível em <https://conceitos.com/apropriacao/>.

SITE CONTROLACAO. **Significados. Composição orgânica do capital**. Disponível em <https://www.controlacao.com.br/significado/composicao-organica-do-capital>.

SITE DICIONÁRIO DE FILOSOFIA. **Alienação**. Disponível em <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefiosofia/alienacao>.

_____. **Matéria**. Disponível em <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefiosofia/mat%C3%A9ria>.

_____. **Substância**. Disponível em <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefiosofia/subst%C3%A2ncia>.

SITE DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. **Capital**. Disponível em <https://www.dicionarioetimologico.com.br/capital/>.

SITE DICIONÁRIO LIVRE. **Capitalismo. Etimologia**. Disponível em <https://pt.wiktionary.org/wiki/capitalismo#Etimologia>.

SITE DIPLOMATIQUE BRASIL. **Guilhotina#97 – José Paulo Netto** (áudio – podcast de entrevista com o professor José Paulo Netto). Disponível em <https://diplomatiq.org.br/guilhotina-97-jose-paulo-netto/>.

SITE DM. JORNAL. **Marx e Freud o encontro possível**. Disponível em <https://www.dm.jor.br/entretenimento/2018/06/marx-e-freud-o-encontro-possivel/>.

SITE EDISCIPLINAS USP. **O capital – Crítica da Economia Política. Capítulo 4. Transformação do dinheiro em capital**. Aula 21. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2249205/mod_resource/content/1/aula-21-marx-o-capital.pdf.

SITE ESCOLA do PC do B. **Fichamento de “Introdução (à crítica da economia política)”**. Disponível em http://www.escolapcdob.org.br/file.php/1/materiais/pagina_inicial/Cadernos_Formacao/11_CF_IntrodCrit_FICHA.pdf.

SITE FC UNESP. **Axiomático**. Disponível em <http://www.fc.unesp.br/~mauri/Geo/axiomatico.pdf>.

SITE FILOSOFIA. **História**. Disponível em http://www.filosofia.com.br/historia_show.php?id=108.

SITE GAZ.WIKI. **Teorizando o valor dos produtos de trabalho**. Disponível em https://gaz.wiki/wiki/pt/Law_of_value.

SITE INFOPEDIA. **Consciência**. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$consciencia-filosofia](https://www.infopedia.pt/$consciencia-filosofia).

_____. **Materialismo**. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$materialismo](https://www.infopedia.pt/$materialismo).

_____. **Relações Sociais**. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$relacoes-sociais](https://www.infopedia.pt/$relacoes-sociais).

_____. **Pensamento**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pensamento>.

SITE JORNAL GGN. **Concepção do fim da história**. Disponível em <https://jornalggm.com.br/noticia/nota-sobre-a-concepcao-do-fim-da-historia-um-embate-entre-marx-e-hegel-mediado-por-mezaros-em-para-alem-do-cap/>.

SITE MARXISTS. **Marxismo legal**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/s/struve.htm#:~:text=Struve%2C%20Piotr%20Berng%20A1rdovitch%20%281870-1944%29%3A%20Publicista%20tusso.%20Por%20volta.%20C3%B3rg%20A3os%20marxistas%20legais%3A%20N%C3%B3voe%20Sl%C3%B3vo%20Natch%C3%20>.

_____. **Piotr Berngárdovitch Struve**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/s/struve.htm#:~:text=Struve%2C%20Piotr%20Berng%20A1rdovitch%20%281870-1944%29%3A%20Publicista%20tusso.%20Por%20volta.%20C3%B3rg%20A3os%20marxistas%20legais%3A%20N%C3%B3voe%20Sl%C3%B3vo%20Natch%C3%20>.

SITE PORTAL GELEDÉS. **6 multinacionais envolvidas com trabalho escravo e exploração infantil**. Disponível em <https://www.geledes.org.br/6-multinacionais-envolvidas-com-trabalho-escravo-e-exploracao-infantil/>.

SITE SIGNIFICADOS. **Ontologia**. Disponível em <https://www.significados.com.br/ontologia/>.

SITE SISEJUFÉ. **1848 - Marx e a luta de classes na França**. Disponível em <https://sisejufe.org.br/noticias/1848-marx-e-a-luta-de-classes-na-franca/>.

SITE TIRO DE LETRA. **Filosofia**. Disponível em <http://www.tirodeletra.com.br/ensaios/Dici-Filosofia.htm>.

SITE UNIBLOG. **Mulheres economistas na história: Joan Robinson**. Disponível em <https://uniblog.unicajabanco.es/mujeres-economistas-de-la-historia—joan-robinson>.

SITE WIKIPÉDIA. **Adam Smith**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Adam_Smith.

_____. **A ideologia alemã**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Ideologia_Alem%C3%A3.

_____. **Alfred Darimon**. Disponível em https://fr.wikipedia.org/wiki/Alfred_Darimon.

_____. **Anais Franco-Alemães**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Deutsch-Franz%C3%B6sische_Jahrb%C3%BCher.

_____. **Antonio Gramsci**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Antonio_Gramsci.

_____. **Apologética**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Apolog%C3%A9tica>.

_____. **Aristóteles**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Arist%C3%B3teles>.

_____. **A sagrada família**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Sagrada_Fam%C3%ADlia_\(livro\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Sagrada_Fam%C3%ADlia_(livro)).

_____. **Associação Internacional dos Trabalhadores**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Associa%C3%A7%C3%A3o_Internacional_dos_Trabalhadores.

_____. **Ateísmo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ate%C3%Adsmo>.

_____. **Austromarxismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Austromarxismo>.

_____. **Axioma**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Axioma>.

_____. **Baruch Espinoza**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Baruch_Espinoza.

_____. **Bruno Bauer**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Bruno_Bauer.

_____. **Burguesia**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Burguesia>.

_____. **Capital**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Capital_\(economia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Capital_(economia)).

_____. **Capitalismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismo>.

_____. **Capitalismo Industrial**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismoindustrial>.

_____. **Classe social**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Classesocial>.

_____. **Cogito ergo sum**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Cogito_ergo_sum.

_____. **Comuna de Paris**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Comuna_de_Paris.

-
- _____. **Comunismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Comunismo>.
- _____. **Contribuição à crítica da economia política**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Contribui%C3%A7%C3%A3o_para_a_Cr%C3%ADtica_da_Economia_Pol%C3%ADtica. em
- _____. **Coruja de Atena**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Coruja_de_Atena.
- _____. **Crise de 1857**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_de_1857.
- _____. **Crise do capitalismo**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_do_capitalismo.
- _____. **Crítica ao Programa de Gotha**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%ADtica_ao_Programa_de_Gotha. em
- _____. **David Ricardo**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/David_Ricardo.
- _____. **Democracia direta**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Democracia_direta. em
- _____. **Demócrito**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dem%C3%B3crito>.
- _____. **Devir**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Devir>.
- _____. **Dialética**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dial%C3%A9tica>.
- _____. **Die Neue Zeita**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Die_Neue_Zeita.
- _____. **Dinheiro**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dinheiro>.
- _____. **Direita política**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Direita_\(po%C3%Adtica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Direita_(po%C3%Adtica)).
- _____. **Ditadura**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura>.
- _____. **Ditadura do proletariado**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura_do_proletariado. em
- _____. **Divisão social do trabalho**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Divis%C3%A3o_social_do_trabalho. em
- _____. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Do_Socialismo_Ut%C3%B3pico_ao_Socialismo_Cient%C3%Adfico. em
- _____. **Economia Clássica**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_c%C3%A1ssica. em
- _____. **Economia marxiana**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_marxiana.
- _____. **Economia Neoclássica**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_neoc%C3%A1ssica. em
- _____. **Economia Política**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_po%C3%Adtica. em
- _____. **Economicismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Economicismo>.
- _____. **Enfiteuse**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Enfiteuse>.
- _____. **Era dos Descobrimentos ou Era das Grandes Navegações**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Era_dos_Descobrimentos. em
- _____. **Epicuro**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Epicuro>.
- _____. **Esquerda política**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Esquerda_\(pol%C3%Adtica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Esquerda_(pol%C3%Adtica)).
- _____. **Eugen von Bawerk**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Eugen_von_B%C3%B6hm-Bawerk#Trabalhos_publicados.
- _____. **Ferdinand Lassalle**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ferdinand_Lassalle. em
- _____. **Fetichismo da mercadoria**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Fetichismo_da_mercadoria. em
- _____. **Feudalismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Feudalismo>.

- _____. **Fim da história.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Fim da histC3%B3ria](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fim_da_hist%C3%B3ria). em
- _____. **Fisicalismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fisicalismo>.
- _____. **Força de trabalho.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7a de trabalho](https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7a_de_trabalho).
- _____. **Forças produtivas.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7as produtivas](https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7as_produtivas).
- _____. **Friedrich Engels.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich Engels](https://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Engels).
- _____. **Fuso têxtil.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Fuso \(t%C3%Aaxtil](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fuso_(t%C3%Aaxtil).
- _____. **Gazeta Renana.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Rheinische Zeitung](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rheinische_Zeitung).
- _____. **Georg W. F. Hegel.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Georg Wilhelm Friedrich Hegel](https://pt.wikipedia.org/wiki/Georg_Wilhelm_Friedrich_Hegel). em
- _____. **Gustav Eckstein.** Disponível em [https://en.wikipedia.org/wiki/Gustav Eckstein](https://en.wikipedia.org/wiki/Gustav_Eckstein).
- _____. **Hegelianismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hegelianismo>.
- _____. **Helene Demuth.** Disponível em [https://en.wikipedia.org/wiki/Helene Demuth](https://en.wikipedia.org/wiki/Helene_Demuth).
- _____. **Henryk Grossman.** Disponível em [https://en.wikipedia.org/wiki/Henryk Grossman](https://en.wikipedia.org/wiki/Henryk_Grossman).
- _____. **História da Moeda.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Moeda#Hist%C3%B3ria>.
- _____. **História do comunismo.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria do comunismo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_comunismo). em
- _____. **Humanismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Humanismo>.
- _____. **Idealismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Idealismo>. em
- _____. **Idealismo alemão.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Idealismo alem%C3%A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Idealismo_alem%C3%A3o).
- _____. **Iluminismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Iluminismo>.
- _____. **Império Austro-Húngaro.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81ustria-Hungria>.
- _____. **Influências em Karl Marx.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/ Influ%C3%Aancias em Karl Marx](https://pt.wikipedia.org/wiki/Influ%C3%Aancias_em_Karl_Marx). em
- _____. **Infraestrutura e superestrutura.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Infraestrutura e superestrutura](https://pt.wikipedia.org/wiki/Infraestrutura_e_superestrutura). em
- _____. **Instituto Marx-Engels-Lenin (IMEL).** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/InstitutoMarx-Engels-Lenin>. em
- _____. **Jean de Sismondi.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean de Sismondi](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean_de_Sismondi).
- _____. **Jean-Jacques Rousseau.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean- Jacques Rousseau](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean-Jacques_Rousseau).
- _____. **Jenny von Westphalen.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Jenny von Westphalen](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jenny_von_Westphalen).
- _____. **Jovens hegelianos.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Joven hegelianos](https://pt.wikipedia.org/wiki/Joven_hegelianos).
- _____. **Karl Heinrich Marx.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl Marx](https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Marx).
- _____. **Karl Kautsky.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl Kautsky](https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Kautsky).
- _____. **Lei do valor.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei do valor](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_do_valor).
- _____. **Libra.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Libra \(massa\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Libra_(massa)).
- _____. **Liga dos comunistas.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Liga dos Comunistas](https://pt.wikipedia.org/wiki/Liga_dos_Comunistas).
- _____. **Livre associação de produtores.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Livreassocia%C3%A7%C3%A3o \(comunismo e anarquismo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Livreassocia%C3%A7%C3%A3o_(comunismo_e_anarquismo)).
- _____. **Ludwig Feuerbach.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ludwig Feuerbach](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ludwig_Feuerbach).
- _____. **Lukács.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Gy%C3%B6rgy Luk%C3%A1cs](https://pt.wikipedia.org/wiki/Gy%C3%B6rgy_Luk%C3%A1cs).
- _____. **Lumpenproletariat.** Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/Lumpenproletariat#Etymology>.

-
- _____. **Luta de classes.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Luta_de_classes.
- _____. **Mais-trabalho.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-trabalho>.
- _____. **Mais-valia (mais-valor).** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-valia>.
- _____. **Manifesto do Partido Comunista.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesto_Comunista. em
- _____. **Manuscritos econômico-filosóficos.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Manuscritos_Econ%C3%B4micos_e_Filos%C3%B3ficos_de_1844. em
- _____. **Marxismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Marxismo>.
- _____. **Matéria.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mat%C3%A9ria_\(filosofia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mat%C3%A9ria_(filosofia)).
- _____. **Materialismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo>.
- _____. **Materialismo dialético.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo_dial%C3%A9tico. em
- _____. **Materialismo histórico.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo_hist%C3%B3rico. em
- _____. **Meios de produção.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Meios_de_produ%C3%A7%C3%A3o.
- _____. **Mercado Livre.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercado_livre.
- _____. **Mercadoria no marxismo.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercadoria#No_marxismo. em
- _____. **Mercantilismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercantilismo>.
- _____. **Metafísica.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Metaf%C3%ADsica>.
- _____. **Metodologia da Economia.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Metodologia_da_economia. em
- _____. **Mikhail Tugan-Baranovski.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mikhail_Tugan-Baranovski. em
- _____. **Modo de produção.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Modo_de_produ%C3%A7%C3%A3o. em
- _____. **Modo de produção socialista.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mododeprodu%C3%A7%C3%A3osocialista>. em
- _____. **Moeda fiduciária.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Moeda_fiduci%C3%A1ria.
- _____. **Monarquia constitucional.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Monarquia_constitucional. em
- _____. **Mutualismo.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mutualismo_\(economia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mutualismo_(economia)).
- _____. **Narodnik.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Narodnik>.
- _____. **Narodniks.** Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/Narodniks>.
- _____. **Nikolai Bukharin.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Nikolai_Bukharin.
- _____. **Nikolai Danielson.** Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Nikolai_Danielson.
- _____. **Nova Gazeta Renana.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Neue_Rheinische_Zeitung.
- _____. **O capital.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Capital.
- _____. **O capital – Lei.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Capitalei.
- _____. **Opio do povo.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%93pio_do_povo.
- _____. **Otto Bauer.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Otto_Bauer.
- _____. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_18_de_Brum%C3%A1rio_de_Lu%C3%ADs_Bonaparte. em
-

-
- _____. **Padrão ouro.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Padr%C3%A3o-ouro>.
- _____. **Pierre-Joseph Proudhon.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre-Joseph_Proudhon.
- _____. **Práxis.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pr%C3%A1xis>.
- _____. **Proletariado.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Proletariado>.
- _____. **Reino da Hungria.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_da_Hungria.
- _____. **Reino da Prússia.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_da_Pr%C3%BAssia.
- _____. **Reino de Itália.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_de_It%C3%A1lia_\(1861%E2%80%931946\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_de_It%C3%A1lia_(1861%E2%80%931946)). em
- _____. **Relações de produção.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rela%C3%A7%C3%B5es_de_produ%C3%A7%C3%A3o. em
- _____. **Rene Descartes.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ren%C3%A9_Descartes.
- _____. **Republicanism.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Republicanism>.
- _____. **Revolução de 1848 nos estados alemães.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%B5es_de_1848_nos_Estados_alem%C3%A3es.
- _____. **Revolução francesa.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Francesa.
- _____. **Revolução Gloriosa.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Gloriosa.
- _____. **Revolução Industrial.** Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Industrial_Revolution.
- _____. **Revolução russa de 1917.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Russa_de_1917. em
- _____. **Revoluções de 1848.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%B5es_de_1848.
- _____. **Roman Rosdolsky.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Roman_Rosdolsky.
- _____. **Rosa Luxemburgo.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rosa_Luxemburgo.
- _____. **Rudolf Schlesinger.** Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Rudolf_Schlesinger.
- _____. **Rudolf Hilferding.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rudolf_Hilferding.
- _____. **Segunda Internacional.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Internacional.
- _____. **Segunda Revolução Industrial.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Revolu%C3%A7%C3%A3o_Industrial. em
- _____. **Ser.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ser>.
- _____. **Sergei Bulgakov.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Sergei_Bulgakov.
- _____. **Sobre a questão judaica.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Sobre_a_Quest%C3%A3o_Judaica. em
- _____. **Socialismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo>.
- _____. **Socialismo democrático.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismocient%C3%Adico>. em
- _____. **Socialismo utópico.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismout%C3%B3pico>.
- _____. **Sociedade comunista.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Sociedade_comunista.
- _____. **Substância.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Subst%C3%A2ncia_\(filosofia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Subst%C3%A2ncia_(filosofia)).
- _____. **Tableau Economique.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Tableau_%C3%A9conomique. em
- _____. **Táler.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/T%C3%A1ler>.
- _____. **Taxa de exploração.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Taxa_de_explora%C3%A7%C3%A3o. em

_____. **Teoria da revolução permanente.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_da_revolu%C3%A7%C3%A3o_permanente.

_____. **Teoria do desenvolvimento desigual e combinado.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Desenvolvimento_desigual_e_combinado.

_____. **Teoria do socialismo em um só país.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo_em_um_s%C3%B3_pa%C3%ADs#:~:text=O%20%22socialismo%20em%20u+m%20s%C3%B3.pol%C3%Adica%20estatal%20por%20Josef%20Stalin.

_____. **Teoria do valor-trabalho.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_do_valor-trabalho.

_____. **Teoria populacional malthusiana.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_populacional_malthusiana.

_____. **Teses sobre Feuerbach.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Teses_sobre_Feuerbach.

_____. **Thomas Malthus.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Thomas_Malthus.

_____. **Trabalho assalariado e capital.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Trabalho_Assalariado_e_Capital.

_____. **Unificação da Alemanha.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Unifica%C3%A7%C3%A3o_da_Alemanha.

_____. **Usura.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Usura>.

_____. **Valor de troca no marxismo.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Valor_de_troca#:~:text=Para%20o%20marxismo%2C%20valor%20de,desse%20produtos%20tenha%20sido%20o.

_____. **Valor de uso.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Valor_de_uso.

_____. **Vladimir Lenin.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lenin>.

SOUZA, Osmar Martins de e DOMINGUES, Analéia. **Emancipação política e humana em Marx: Alguns apontamentos.** São Paulo-SP: Revista Eletrônica Arma da Crítica, N. 04, 2012. Disponível em http://www.armadacritica.ufc.br/phocadownload/artigo4_20131.pdf.

STRAUCH, Ottolmy. **Marshall: Princípios de Economia.** São Paulo-SP: Abril Cultural, Os Economistas, 1982.

TEIXEIRA, Adriano Lopes Almeida. **Mais-Valia ou Mais-Valor.** Uberlândia-MG: Economia Ensaios (v. 34 nº 2), Instituto de Economia e Relações Internacionais – Universidade Federal de Uberlândia, 2020. Disponível em <https://seer.ufu.br/index.php/revistaeconomiaensaios/article/view/45288>.

TIBLÉ, Jean. **Marx contra o Estado.** Revista Brasileira de Ciência Política. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-33522014000100003&script=sciarttext&lng=pt>.

VAISMAN, Ester. **Marx e a Filosofia: elementos para a discussão ainda necessária.** Belo Horizonte-MG: Revista Nova Economia (Departamento de Ciências Econômicas da UFMG), vol.16, nº 2, 2006. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-63512006000200005.

VIANA, Nildo. **A teoria da população de Marx.** Goiânia-GO: Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Boletim Goiano de Geografia, v. 26, n. 2, jul/dez 2006, Universidade Federal de Goiás (UFG). Disponível em https://www.researchgate.net/publication/272856870_A_TEORIA_DA_POPULACAO_EM_MARX.

VIEIRA, Pedro. **Os duvidosos fundamentos da economia política: o caso da mercadoria força de trabalho.** Disponível em <http://www.anpec.org.br/encontro2004/artigos/A04A008.pdf>.

VIEIRA, Zaira Rodrigues. **Althusser e o significado da dialética em Marx.** Disponível em <https://pdfs.semanticscholar.org/8fac/372ef3c4eee595b57f78e1370ea4a8a8e61b.pdf>.

XIMENES, Olavo Antunes de Aguiar. **Aproximação à categoria de modo de produção nos Grundrisse (1857-1858) de Karl Marx.** Dissertação para obtenção do título de Mestre em Filosofia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas-SP, 2017. Disponível em <https://1library.org/article/capital-constante-capital-vari%C3%A1vel-modo-produ%C3%A7%C3%A3o-capitalista-capital.qvnp1gdq>.